

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CLEONILDA TEIXEIRA PONTES

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Parintins
2018

CLEONILDA TEIXEIRA PONTES

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo.

Parintins
2018

CLEONILDA TEIXEIRA PONTES

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas,
apresentado como exigência parcial para obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia

Aprovada em: 11/12/2018

*

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª MSc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo.
Universidade do Estado do Amazonas

Prof.ª MSc. Francisca Keila de Amoêdo
Universidade do Estado do Amazonas

Prof.ª. Drª. Georgina Vasconcelos
Universidade do Estado do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus por ser meu primeiro amor, por ser recíproco o sentimento onde ele sempre me sustentou para chegar até a conclusão deste Curso. A minha família e em especial meus filhos minha base maior. A minha querida Orientadora Prof.^a Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo, por ter dedicado – se a esse trabalho, aos meus amigos que me apoiaram sempre, a Universidade do Estado do Amazonas a qual me deu a oportunidade de ingressar aos estudos Superiores, tornando – me uma Professora. Minha mãe Eunice Pontes, por ter me dado à luz do saber, ao ser a minha primeira professora. Não poderia esquecer meus irmãos e irmãs em especial Cleonice Pontes e Eugenia Lúcia Ferreira, que sempre me deu o suporte acadêmico necessário, meu irmão Dr. Justino Ferreira, o qual sempre me ajudou e me apoiou em todos os meus sonhos, ideais e metas. As queridas Professoras Mestras e Doutoradas da UEA, que não foram somente professoras, mas amigas, e aqui destaco Professora Msc, Francisca Keila Amoêdo e Professora Dra. Simone Souza Silva, assim como todos os nossos professores. Enfim, todos que colaboraram para que esse momento se realizasse.

*“Mas gratificante para mim foi à maneira como o conceito Inteligência Emocional foi ardentemente abraçado pelos **educadores**, na forma de programa de “aprendizado Social e emocional”, ou SEL (Social and emotional learning)*

Daniel Goleman

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa cujo objetivo principal foi analisar como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental em uma escola no município de Parintins-AM. Ainda como parte dos objetivos específicos buscamos observar como os professores lidam com suas próprias emoções no cotidiano escolar e como isso interfere na aprendizagem dos estudantes; Verificar como os alunos lidam com o comportamento emocional dos professores, em contra partida no que refere-se a opinião dos professores; Descobrir o que os professores pensam sobre suas próprias emoções. A Inteligência Emocional discutida por Goleman serviu como fundamento principal para compreendermos nosso objeto de estudo: as emoções do professor. Além de Goleman, outros autores também deram suporte teórico, como, Galvão (2011), Damásio (2015), Lent (2016) e Shinyashiki (2011), destacamos a relevância desta pesquisa por ser uma inquietação pessoal em relação às emoções do professor desde que iniciamos o Estágio na referida escola e pela necessidade de pesquisas voltadas nessa área. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, classificada como exploratória. O método de abordagem dialético nos permitiu considerar a realidade em sua totalidade e em constante movimento de modo que as emoções se constituem no convívio social. As técnicas utilizadas foram a observação e o questionário. Os resultados apontam que o comportamento emocional do professor é elemento indispensável na aprendizagem e no desenvolvimento emocional dos estudantes, interferindo de modo positivo ou negativo o processo educativo.

Palavras chaves: Inteligência-Emocional. Emoção. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to analyze how the teacher's emotions interfere in the students learning and how they deal with their own emotions in the teaching-learning process. It seeks to find results that can be verified in an environmental, social and behavioral context. And that through the emotions in the teaching within the school, an evolution of cognition occurs at the time of learning, and that the emotions, whether the teacher or the student, is considered an indispensable element of teaching-learning. We elaborated as general objective to analyze how the teacher's emotions interfere in the learning of elementary students in a school in the city of Parintins-AM. In this perspective, the Emotional Intelligence discussed by Goleman served as the main ground for understanding our object of study: the teacher's emotions. In addition to Goleman, other authors also provided theoretical support, such as Galvao (2011), Damásio (2016), Lent (2016) and Shinyashiki (2011). In this context, we highlight the relevance of this research as a personal concern since we started the Internship in said school, especially in the respective rooms observed; by the need for local research on discussions about the inseparable mind and body and how this unification affects our learning and our personality; by the urgency to consider emotional issues as paramount in the teaching-learning process. It deals with a qualitative research, classified as exploratory. The method of dialectic approach allowed us to discover how the teacher's emotions interfere with teaching-learning. The techniques used were observation and the questionnaire. Emotional intelligence is a cry of warning to those who still think reason is the only way of life. Therefore, the results indicate that positive emotions contribute greatly to the evolution of teaching-learning development. The teacher who has an emotional imbalance needs help to overcome his or her difficulties. The study of emotions is very important to unravel certain behaviors, especially those considered negative.

Key words: Emotional Intelligence. Emotion. Teaching-learning.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	11
1. CONCEITUANDO INTELIGÊNCIA EMOCIONAL	11
1.1 EMOÇÃO E COGNIÇÃO	17
1.1.1 APRENDIZADO SOCIAL E EMOCIONAL	19
1.2 PROGRAMAS DE SEL (SOCIAL AND EMOTIONAL LEARNING)	21
1.2.1 AS EMOÇÕES NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	23
1.3 O PROFESSOR E SUAS EMOÇÕES	24
1.3.1 RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: O ENCONTRO DAS EMOÇÕES	30
2. CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	32
CAPÍTULO III: INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES	36
3. O CONTEXTO DA PESQUISA: PERFIL DOS SUJEITOS	36
3.1 COMPREENDENDO O COMPORTAMENTO EMOCIONAL DAS PROFESSORAS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDECE “A”:	58
ANEXO	59

INTRODUÇÃO

Das fronteiras da Psicologia e da Neurociência, Daniel Goleman, trouxe o conceito de duas mentes: a tradicional e a emocional. Segundo ele, a Ciência das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo, onde a incapacidade de lidar com as próprias emoções pode minar a experiência escolar (2007). Portanto trouxemos a temática inteligência emocional no processo ensino-aprendizagem, que vem nos apresentar aspectos que talvez já tenhamos percebido, sentido ou até mesmo lido, no entanto algumas interpretações realizadas de forma equivocada podem vir a acarretar certos conceitos pré-estabelecidos sobre o que realmente vem ser inteligência emocional, e por que no processo de ensino aprendizagem?

Nesse sentido, vivenciamos durante o Estágio II duas situações que nos instigaram a várias reflexões: Primeiro, numa turma de 1º ano, o atraso da professora na sala de aula, seu nervosismo, falta de atenção, impaciência e sempre preocupada, deixando alguns estudantes até mesmo retraídos e inseguros; Porém, numa turma de 4º ano, presenciemos o oposto dessa situação: encontramos uma professora sempre de bem com a vida, calma, amorosa com seus alunos, paciente e tinha sempre o controle das situações da sala de aula.

Diante de situações tão opostas, algumas inquietações que nos trouxeram a seguinte questão: **Como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental na Escola Estadual “Beatriz Maranhão” no Município de Parintins-AM?**

Para responder o problema apresentado nesta pesquisa, delineamos as seguintes questões norteadoras: **Como os professores lidam com suas próprias emoções no cotidiano escolar e como isso interfere na aprendizagem dos estudantes? Como os alunos lidam com o comportamento emocional dos professores? O que os professores pensam sobre suas próprias emoções?**

Partindo de tais questões foram elaborados os objetivos que darão suporte no decorrer da pesquisa, assim como **objetivo geral analisamos como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental em uma escola no município de Parintins-Am.** O qual em seguida utilizou-se os objetivos **específicos: Observar como os professores lidam com suas próprias emoções no cotidiano escolar e como isso interfere na**

aprendizagem dos estudantes; Verificamos como os alunos lidam com o comportamento emocional dos professores e com a intenção de fechar com os objetivos específicos fomos tentando descobrir o que os professores pensam sobre suas próprias emoções. Tentamos trazer a introdução para o presente trabalho, pois a pesquisa já foi realizada.

Para tanto, nos apropriamos de um referencial teórico que discute de maneira aprofundada as emoções do professor e o processo ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, a Inteligência Emocional discutida por Goleman (2007) serviu como fundamento principal para compreendermos nosso objeto de estudo: as emoções do professor. Outros autores, como Galvão (2011), Damásio (2015), Lent (2016), Shinyashiki (2011) permitiram ampliar o olhar para a realização da pesquisa. Buscamos ainda conhecer o que a neurociência tem descoberto acerca de como o cérebro produz as emoções, quais tipos de emoções existem, como elas nos afetam ou como o controle das mesmas nos ajudam a obtermos êxito.

Assim destacamos a relevância do estudo aqui observado, por ter uma inquietação pessoal desde que iniciamos o Estágio na referida escola, principalmente nas respectivas salas observadas; pela necessidade de pesquisas locais sobre discussões acerca de não sermos somente corpo, mas mente e corpo indissociáveis e o quanto essa unificação afeta em nosso aprendizado diariamente e em nossa personalidade; pela urgência de considerar as questões emocionais do professor como primordiais no processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, esta pesquisa é de caráter qualitativo, classificada como exploratória, pois os estudos qualitativos tem a característica de observar a experiência humana nos acontecimentos e fenômenos inexplicáveis ou não compreendidos, também pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, exclusivo e estandardizado. O método de abordagem dialético nos permitiu descobrir como as emoções do professor interferem no ensino-aprendizagem considerando o professor em sua totalidade e dinamicidade.

As técnicas utilizadas foram à observação e o questionário. Quanto à observação, esta foi fundamental para vivenciarmos situações diversas quanto aos comportamentos emocionais dos sujeitos: duas professoras. O questionário foi aplicado para as professoras das turmas com o objetivo de aprofundarmos a opinião das mesmas sobre as emoções e sua relação com o processo ensino-aprendizagem.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo trazemos autores que discutem com muita propriedade as emoções do professor no processo educativo, destacando a impossibilidade de separação entre emoções e cognição. No segundo capítulo trazemos a metodologia com o objeto de enfatizar o tipo de pesquisa, bem como o método de abordagem. Utilizamos técnicas de pesquisa embasadas em autores como Gil (2008), Fonseca (2008), Frigotto (1987) e outros. O terceiro capítulo traz a análise e discussão dos resultados apurados durante o processo de investigação, onde foi validada nos autores embasados teoricamente esta pesquisa.

Os resultados apontam que as emoções positivas contribuem bastante para a evolução do desenvolvimento do ensino-aprendizagem. A emoção tem sua origem na área da consciência, fazendo a passagem do mundo orgânico para o social e este, por sua vez, é fundamental para o bem estar emocional. O professor que apresenta um desequilíbrio emocional, precisa de ajuda para que consiga vencer suas dificuldades.

Entendemos ainda que o estudo das emoções é importantíssimo para desvendarmos certos comportamentos, principalmente os considerados negativos. Observamos também que as emoções positivas contribuem bastante para a evolução do desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

CAPITULO I. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

1. Conceituando Inteligência Emocional

O termo Inteligência Emocional foi criado por dois psicólogos, Mayer e Salovey, na década de noventa, na tentativa de mostrar a importância da afetividade e do valor emocional para as pessoas. Em 1990, Goleman, enquanto repórter no jornal *The New York Times*, encontrou um artigo em uma pequena revista acadêmica escrito por Mayer e Salovey no qual apresentavam a primeira formulação de um conceito que chamaram de “Inteligência Emocional”. Em uma década onde se discutia a importância do Q.I (Quociente intelectual), como a excelência ou conceito de inteligência na vida da pessoa, em que a dúvida era se a inteligência estaria em nossos *genes* ou se *adquiríamos* com as experiências, nasce uma nova forma de ver como adquirir o sucesso na vida, que é através do Q.E, ou seja, Quociente Emocional (GOLEMAN, 2007).

Surge de repente uma nova forma de pensar sobre os ingredientes do sucesso na vida. Goleman fica entusiasmado com o conceito do termo Inteligência Emocional, o qual utiliza como título de seu livro em 1995, pois o termo se tornou na opinião de Goleman onipresente aparecendo em vários lugares inesperado e em literaturas, tirinhas e etc. Goleman utilizou a expressão para sintetizar uma ampla gama de descobertas científicas, unindo ramos diferentes de pesquisa – analisando não só a teoria dos então psicólogos, mas também uma grande variedade de outros avanços científicos empolgantes, como os primeiros frutos do campo da neurociência afetiva, que explora como *as emoções são reguladas pelo o cérebro* (GOLEMAN, 2007).

O termo foi sintetizado para o mundo todo, levando vários estudiosos a pesquisar sobre o Q.E e suas colaborações para a educação. Mas, também levantava uma grande discussão sobre como o cérebro regula as emoções ou como ele evolui na área da neurociência afetiva.

Da mais primitiva raiz, do tronco cerebral, surgiu os centros emocionais. Milhões de anos depois, na evolução dessas áreas emocionais, desenvolveram-se o *cérebro pensante* ou o “Neocórtex”, o grande bulbo do tecido ondulado que forma as camadas externas; O fato de o cérebro ter se desenvolvido a partir das emoções revela muito acerca da relação entre razão e sentimentos; existiu um

cérebro emocional muito antes do surgimento do cérebro racional (GOLEMAN, 2007, p. 36).

Desde os primórdios, as emoções já dominavam o homem, só que antes era identificada pelo olfato, assim ele começou a distinguir o alimento que prestava para comer e outro que não fazia bem, levando-o a pensar e a tomar decisões. A mais antiga raiz da nossa vida emocional (GOLEMAN, 2007) está no sentido do olfato, ou mais precisamente, no *lobo olfativo*, células que absorvem e analisam o cheiro. De acordo com Goleman (2007), toda entidade viva seja nutritiva, venenosa, parceiro sexual, predador ou presa, tem uma assinatura molecular distintiva que o vento transporta. Naqueles tempos primitivos, o olfato apresentava-se como um sentido supremo para a sobrevivência.

Ao acontecer à transformação do cérebro com novas e decisivas camadas acrescentadas, camadas chave do cérebro emocional, por uma delas, a que envolve o tronco cerebral chamada de sistema *límbico*, pode se definir duas ferramentas importantíssimas para o ensino – aprendizagem, a aprendizagem e a memória. Entende-se então que à medida que evoluiu, o sistema límbico vai aperfeiçoando essas poderosas ferramentas: a aprendizagem e a memória. Esses avanços revolucionários possibilitavam que um animal fosse muito mais esperto nas opções de sobrevivência e aprimorasse suas respostas para adaptarem-se as exigências cambiantes, em vez de ter reações invariáveis e automáticas (GOLEMAN, 2007).

Com o desenvolvimento do sistema límbico ocorre à aprendizagem e a memória, então a partir desse grande acontecimento o homem passa a decidir através de uma parte da fiação límbica, o Neórcortex, o cérebro pensante, afirma (GOLEMAN, 2007). Há cerca de 100 milhões de anos, o cérebro dos mamíferos deu um grande salto em termo de crescimento. Diante disso, por cima do tênue córtex de duas camadas – as regiões que planejam, compreendam o que é sentido, coordenam o movimento -, acrescentaram-se novas camadas de células cerebrais, formando o Neórcortex. Comparado com o *antigo* córtex de duas camadas, o Neórcortex oferecia uma extraordinária vantagem intelectual (GOLEMAN, 2007).

O autor ainda destaca que Neórcortex do homem é muito maior de qualquer outra espécie, isso faz com que ele seja a sede do pensamento, acrescenta ao sentimento o que pensamos dele e permite que tenhamos sentimentos sobre ideias, arte, símbolos, imagens, civilização e cultura. Contudo, devemos lembrar que

comparações entre espécies muitas vezes podem não ser válidas, em especial no caso dos seres humanos, em quem diversos fatores cognitivos exercem uma influência *óbvia* na execução dessa categoria comportamental (LENT, 2016).

Segundo Goleman, a evolução do Neórcortex trouxe vantagens para a sobrevivência, pois o mesmo cria estratégias, planejamento ao longo período e outros artifícios mentais, assim como o amor. Esse crescimento ao cérebro introduziu novas mudanças à vida emocional, por exemplo, o amor, onde as estruturas límbicas geram sentimentos de prazer e desejo sexual, emoções que alimentam as paixões sexuais. Mas a adição do neocórtex e suas ligações ao sistema límbico criaram a ligação mãe-filho, que é à base da unidade familiar e do compromisso, em longo prazo, com a criação dos filhos, o que torna possível o desenvolvimento humano, esclarece (GOLEMAN, 2007).

Quanto a isso, Lent (2016) também enfatiza que mesmo com o desenvolvimento contínuo do cérebro no ser humano, fica o instinto de *proteção* dos pais para com os filhos, é o que vai levá-los a um amadurecimento durante a infância. A complexibilidade do nosso sistema social nos leva a reagir mais essencial a essa flexibilidade, pois é importante salientar que em humanos e em outros organismos complexos, sistemas neurais mais elaborados permitem respostas bastante variadas facilitando a adaptação ao ambiente (LENT, 2016).

Mas, o comportamento emocional nos humanos pode ser mais criativo e menos previsível do que de outros animais. Diante disso, podemos observar que as emoções dirigem muitos comportamentos ou decisões das pessoas.

Além disso, para os humanos a emoção tem uma dimensão subjetiva que a transforma em uma experiência única, diferenciando-se da dimensão comportamental/observável demonstrada para os outros animais (LENT, 2016, p. 254).

Por isso espera-se do professor em sala de aula um comportamento diferenciado e criativo, pois as emoções do ser humano tem uma capacidade incrível e única de criatividade e comportamentos decisivos. O nosso Neocórtex por ser maior, nos coloca um repertório mais ágil, o que nos leva agir mais rápido enfrente as situações de emoções inesperadas como o medo, logo se pensa em uma resposta lógica como, por exemplo, chamar a polícia. Mas esses centros superiores não controlam toda a vida emocional; nos problemas cruciais que dizem respeito ao

coração, e mais especialmente, nas emergências emocionais, pode se dizer que eles se submetem ao sistema límbico (GOLEMAN, 2007).

Existem os estímulos, os quais induzem as emoções, eles são geralmente internos, aflorados por um processo físico ou mental, gerando um estado de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia, bem-estar ou mal-estar, levando o indivíduo a ter comportamentos diferentes para cada situação.

Os estímulos que induzem essas emoções são geralmente internos, gerados por processos físicos ou mentais continuo-os que nos levam a um estado de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia, bem-estar, ansiedade ou apreensão (LENT, 2016, p. 255).

É nesse momento de estado emocional é que os profissionais da educação devem observar os alunos se estão bem ou sob tensão na hora da aprendizagem, pois, dependendo de seu estado emocional, irá aprender com facilidade ou não. Nesse sentido, uma visão da natureza humana que *ignore* o poder das emoções é lamentavelmente míope (GOLEMAN, 2007). Ao termos uma percepção de algo, não só compreendemos como também decidimos se gostamos ou não.

Outra pesquisa demonstrou que nos primeiros milésimos de segundo em que temos a percepção de alguma coisa, não apenas compreendemos inconscientemente o que é, mas decidimos se gostamos ou não dela, pois o “inconsciente cognitivo” apresenta à nossa consciência não apenas a identidade do que vemos, mas uma opinião sobre o que vemos. Desse modo, nossas emoções tem uma mente própria, que pode ter opiniões bastante diversas das que tem a nossa mente racional, afirma (GOLEMAN, 2007). Assim, buscando o equilíbrio emocional o docente pode compreender através das emoções, o que a criança está vivendo no momento em que está sendo ensinada. Já que a emoção é um programa de ações, portanto, é uma coisa que se desenrola com ações sucessivas, ou seja, é uma espécie de concerto de ações.

O autor ainda esclarece que não tem nada a ver com que se passa pela mente, mas que é despoletada pela mente, assim apresenta ações que acontecem dentro do corpo, nos músculos, coração, pulmões, nas reações endócrinas e em todo o corpo (DAMÁSIO, 2015). As emoções, sentimentos e afetividades, são reações diferentes, assim se torna difícil identificar cada uma, imaginem controlar

essas reações muito parecidas, algumas pessoas acabam por identifica-las por sinônimo.

Para Goleman o “controle” das emoções e sentimentos, com o intuito de conseguir atingir algum objetivo, atualmente pode ser considerado como um dos principais trunfos para o sucesso pessoal e profissional. Por exemplo, uma pessoa que consegue se concentrar no trabalho e finalizar todas as suas tarefas e obrigações, mesmo se sentindo triste, ansiosa ou aborrecida tem um controle emocional (GOLEMAN, 2007)..

E é nesse intuito que vemos a contribuição da inteligência emocional para o profissional da educação, o qual vive em um turbilhão de emoções e sentimentos e ao entrar na sala de aula por muitas vezes não consegue separa as emoções e os sentimentos trazidos de casa. Afetando por muitas vezes o ensino-aprendizagem na escola. Segundo Wallon (2011), as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do sistema nervoso Central.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. “Todavia, não o são” (GALVÃO *apud* WALLON, 2011 p. 61).

Faz-se necessário a compreensão de cada termo para que o profissional de educação possa compreender em que estado emocional o aluno se encontra no momento da aprendizagem. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade, as mesmas são sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como a aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca, esses são os sintomas de emoção (GALVÃO, *apud* WALLON, 2011).

Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perspectivas para quem a vive, segundo o autor, as emoções provocam alterações na mimica facial, na postura, na forma como são executados os gestos, alterações bem visíveis que ao compreendermos as diferenças, logo conseguimos diferenciar. As emoções são acompanhadas de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano. Acredita-se, portanto, que o aluno que esteja passando por algum

momento por essas alterações expressivas no momento da aprendizagem, logo não terá o aproveitamento eficaz do conhecimento.

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem de consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seriam impossíveis efetuarem as distinções necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo (GALVÃO apud WALLON, 2011).

Quando pensamos em grupo pensamos logo em “Grupo Social”, como a família, a escola, a igreja, por exemplo, onde normalmente acontecem atividades intelectuais, situações onde as emoções afloram. A emoção nutre-se do efeito que causa no outro.

A atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causam no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação (GALVÃO apud WALLON, 2011 p. 64).

Então, a manifestação de cada emoção, para Wallon, depende da plateia do grupo social, ou seja, em situações de crise emocional, a tendência é de que a pessoa ou a criança se desvaneça caso o meio não reaja, ou melhor, na ausência de “plateia”, essa crise perde a força, pois não vai ter esse “oxigênio social”.

Ao transpormos isso para a atividade infantil cotidiana, encontramos inúmeras situações que ilustram essa necessidade de “oxigênio social” típica das emoções. Pensemos no caso da criança que, imersa numa crise de choro, para de chorar tão logo se percebe sozinha: na ausência de plateia a reação emocional perde seu combustível, deixa de fazer sentido (GALVÃO apud WALLON, 2011).

Lidar com as emoções não é algo fácil, nem mesmo para o adulto. Além disso, existe um período em que estão afloradas as emoções, é no primeiro ano de vida, por isso a criança deve ser ensinada a saber lidar com suas próprias emoções, a conviver com as frustrações a fim de desenvolver-se de forma saudável e equilibrada, no adulto é menos frequente as crises emotivas como: ataque de choros, birras, surtos de alegria tão comuns no cotidiano das crianças.

As emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. Assim ao focar as emoções na vida adulta, as teorias Clássicas tendem a identifica-las com ação sobre o mundo exterior objetivo, enfatizando seus efeitos sobre o automatismo motores e a ação mental (GALVÃO *apud* WALLON, 2011 p. 59).

Para tanto, pais e educadores devem propiciar um ambiente favorável para esse desenvolvimento emocional da criança que levará essas informações psíquicas para a vida adulta e conseqüentemente ao seu aprendizado.

1.1 EMOÇÃO E COGNIÇÃO

Pelo poder de contágio das emoções, propiciam relações interindividuais, formando o caráter de cada um. Essa relação com o meio, como grupo de danças, rituais, jogos, que as pessoas se entregam ao mesmo ritmo ou aos mesmos gestos, faz com que apague em cada um, a noção de sua individualidade.

Recorrendo aos dados da antropologia, Wallon mostra como, nas sociedades ditas primitivas, o caráter contagioso e coletivo da emoção tem uma importância decisiva na coesão do grupo social. Revela-se no papel de destaque que tem, no cotidiano dessas sociedades, as cerimônias e rituais (GALVÃO *apud* WALLON, 2011).

Com isso, faz-se uma interligação com a vivência da escola, a qual a criança é obrigada a manter-se no coletivo, estabelecendo uma comunhão de sensibilidade, afetividade com todos na escola, principalmente com o professor e colegas da mesma sala, independentemente do coeficiente intelectual. Alves diz que a vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas, porque qualquer permuta com o meio supõe, ao mesmo tempo, uma estruturação e uma valorização, sem que por causa disso sejam menos distintas, posto que estes dois aspectos do comportamento não se podem reduzir um ao outro.

Assim, um ato de inteligência supõe, portanto, um ajuste energético interno (interesse, esforço, facilidades, etc.), e outro externo (valor das soluções procuradas e dos objetos sobre os quais recai a pesquisa), mas tais ajustes são de natureza

afetiva e se comparam a todos os outros da mesma ordem (ALVES *apud* PIAGET, 2007).

Entende-se, portanto que a afetividade é importante para o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Por estarem interligadas, cada novo momento da criança ou do adolescente, é uma nova aquisição em seu aprendizado (ALVES, *apud* HENRI WALLON, 2007). Wallon explica que a afetividade, nesta perspectiva não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica, o ser humano é, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se lentamente a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira (ALVES, *apud* HENRI WALLON, 2007).

Sendo assim, ao adquirir novas aquisições, cada uma se repercute sobre a outra, dando espaço à cognição a qual através da maturação dá início ao desenvolvimento sensório-motor onde começa todo um processo de exploração da realidade. A sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada uma repercutem sobre a outra permanentemente.

Ao longo do trajeto, a afetividade e a cognição alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade (ALVES, *apud* HENRI WALLON, 2007).

A partir desse desenvolvimento, acredita-se que a afetividade depende de todas as conquistas adquiridas no plano da inteligência para evoluir. A partir daí, Wallon afirma que a história da construção da pessoa será constituída por uma sucessão pendular de momentos predominantemente afetivos ou predominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados, pois cada novo momento terá incorporado as aquisições feitas no nível anterior, ou seja, na outra dimensão (ALVES, *apud* WALLON, 2007). Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa.

Cabe a nós buscar entender as habilidades da inteligência Emocional e praticar na nossa vida assim como também na sala de aula, utilizando os métodos da Inteligência Emocional com o intuito de colaborar para o melhor desempenho dos acadêmicos e Docentes nas escolas e Instituições de Ensino, porque para ensinarmos precisamos primeiramente estar bem emocionalmente, preparados com

um olhar e sentimento de amor pelo educando, pois “não se pode falar de educação sem amor” (SHINYASHIKI, 2011, p. 9). Desse modo, para ensinar, o professor precisa de sentimentos e emoções positivas para construir o conhecimento junto com o aluno motivado a aprender e levar o mesmo a sonhar.

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio e a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor; interpretes de sonhos (SHINYASHIKI, apud ALVES 2011, p.9).

Quando falamos em sonho é em relação à motivação que leva o cérebro a produzir emoções positivas que gera cognição no aluno, levando-o a reflexão que irá transformá-lo em um ser crítico e reflexivo.

Wallon ao dirigir o foco de sua análise para a criança revela que é na ação sobre o meio humano e não sobre o meio Físico que deve ser buscada o significado das emoções (GALVÃO apud WALLON 2011). Compreendemos, portanto que as emoções e os sentimentos fazem parte da afetividade, a qual deve ser trabalhada na escola no momento de ensino-aprendizagem.

1.1.1 APRENDIZADO SOCIAL E EMOCIONAL

Goleman (2007) confirma que hoje em dia nos Estados Unidos, esses conhecimentos de programas de “aprendizado Social e Emocional”, são requisitos curriculares em vários distritos, exigindo que os alunos, da mesma forma que precisam alcançar um determinado nível de competência em Matemática e linguagem, dominem essas aptidões para a vida. Há resultados de Illinóis, Chicago, modelos específicos de aprendizagem em habilidade de SEL (*social and emotional learning*) que vêm sendo estabelecido em todas as séries, desde o jardim de Infância ao médio (GOLEMAN, 2007).

Esse autodomínio que o autor relata, deve ser trabalhado desde cedo na criança conforme a sua maturação, para que haja um desenvolvimento contínuo e equilibrado para que futuramente quando adulto, possa se beneficiar desse ingrediente ativo para sua vida profissional.

Enquanto a Inteligência Emocional determina nosso potencial para aprender os fundamentos do autodomínio e afins, nossa competência emocional mostra o quanto desse potencial dominamos, de maneira que ele se traduz em capacidades profissionais (GOLEMAN, 2007, p.15).

Ainda nas leituras realizadas, o autor que nos primeiros anos do ensino fundamental os alunos devem aprender a reconhecer e classificar com precisão seus sentimentos e como eles os levam a agir. Lent (2016) diz que o desenvolvimento da criança pode ser comparado com um desenvolvimento de uma planta; revela – se por si próprio e processa – se em uma sequência inata. Nas séries do segundo ciclo Fundamental, as atividades de empatia, devem tornar a criança capaz de identificar com precisão as pistas não verbais de como a outra pessoa se sente isso facilitaria seu aprendizado social, mas, não garantiria seu êxito em outras áreas (LENT, 2016).

Seria possível fazer uma analogia cognitiva com um estudante que possui excelentes habilidades espaciais, mas não consegue nem aprender geometria, quanto mais se tornar um arquiteto. Assim uma pessoa pode ser muito empática, mas, porém péssima para lidar com clientes – Se não tiver aprendido a competência para o atendimento de clientes (GOLEMAN, 2007, p. 15). Nos últimos ciclos do Fundamental, elas devem ser capazes de analisar, o que gera stress nelas ou o que as motiva a ter desempenho melhores, por se esperar delas uma maturação maior por adquirirem tempo maior de vivências.

As situações de conflito quase sempre se originam entre duas partes, entre duas pessoas. Quando essas pessoas não têm habilidades para resolver suas dificuldades, geralmente acabam envolvendo uma terceira no conflito, o que aumenta os problemas (SHINYASHIKI, 2011, p. 96).

Acreditamos que os estudantes do ensino médio possuam mais habilidades para resolver seus conflitos tais quais incluem ouvir e falar de modo a selecionar conflitos em vez de agravá-los e negociar saída em que todos ganhem. Shinyashiki afirma que conviver cria inevitavelmente situações desconfortáveis para todos e enfrentar é trazer à tona essas situações desconfortáveis para encontrar uma solução satisfatória para as partes envolvidas (SHINYASHIKI, 2011).

E nosso dever aprender a viver e conviver no meio social como também aprender lidar com as emoções em sala de aula, onde os alunos vivem várias situações e até mesmo de conflitos, sejam sociais ou emocionais. Principalmente quando nos referirmos à área da aprendizagem, onde a afetividade já foi comprovadamente que anda ligada com a razão. A afetividade seria a energia, o que movi a ação, enquanto a razão seria a que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

Nesse caso, não há conflito entre as duas partes. Shinyashiki afirma que, porém pensar a razão contra a afetividade é problemático, porque, então, se deveria de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia (SHINYASHIKI, 2011). Ou seja, a afetividade é uma energia que possibilita e motiva a ação e funciona como um combustível para o aprendizado.

Sendo assim, estudantes com a atenção devida por seus pais e professores como: um sorriso sincero, um olhar meigo e compreensivo, um abraço são formas de Caricias (*strokes*) adequadas, a interação do professor-aluno contribui para a construção e desenvolvem melhor suas habilidades sejam elas no aprendizado escolar ou da vida.

1.2 PROGRAMAS DE SEL (SOCIAL AND EMOTIONAL LEARNING)

Tendo em vista que os teóricos da tendência Evolucionista afirmarem que o cérebro emocional surgido primeiro que o cérebro intelectual julgasse que a ajuda dos métodos aplicados nos programas de SEL, tem contribuído bastante nas dificuldades de aprendizagem de crianças e adolescentes, do ensino fundamental, pois nessa fase, as crianças ou adolescente, já sabem distinguir com mais facilidades as emoções, antes dessa maturação é comum confundir e até mesmo gerar conflitos entre a razão e as emoções.

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *homo sapiens* a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões

e ações, a emoção pesa tanto - e às vezes muito mais - que a razão (GOLEMAN, 2007, p. 30).

Nessa visão, o autor afirma que os programas de Aprendizado Social e Emocional (ASE), que são aplicados juntos a alguns programas educacionais e prevenção à violência, agressão contra colegas, drogas e de disciplina escolar tem o objetivo não só apenas de reduzir a incidência desses problemas, mas também melhorar o ambiente escolar e em última instância, como resultado de todo um trabalho voltado à contribuição escolar, o desempenho acadêmico dos estudantes facilitando o trabalho do professor. Goleman ressalta que no mundo das pesquisas em Ciências Sociais, estes são resultados extraordinários para qualquer programa que se destine a promover mudanças comportamentais. O SEL cumpriu sua promessa de evoluir o aprendizado das emoções e trazer resultados positivo para a educação (GOLEMAN, 2007, p. 11).

Esse programa em 1995 esboçou-se as evidencias que era um ingrediente ativo nos programas que aperfeiçoam o aprendizado da criança, evitando problemas como a violência. Agora é possível afirmar cientificamente à ajuda as crianças a aperfeiçoar sua *autoconsciência* e *confiança*, controlar suas *emoções* e *impulsos perturbadores* e aumentar sua *empatia* resultam não só em um comportamento melhor, mas também em uma melhoria considerável no seu desempenho acadêmico (GOLEMAN, 2007, p. 11).

Segundo as pesquisas de Goleman realizadas nos Estados Unidos, nas Escolas que adotaram os programas SEL, mais de 50% das crianças *tiveram progresso* nas suas pontuações de desempenho e mais de 38% melhoraram suas médias e seu comportamento acadêmico. Os programas SEL também tornaram as escolas mais seguras comprovando que as ocorrências de mau comportamento caíram em média 28%; as suspensões, 44%; e outros atos disciplinares, 27%. Ao mesmo tempo a percentagem de presença aumentou, enquanto 63% dos alunos demonstraram um comportamento significativamente mais positivo Com isso não quero afirmar que somente e nem 80% do sucesso ou êxito da Inteligência Emocional, resolve os problemas ou o sucesso das pessoas ou até mesmo o aprendizado das crianças. Mas sim, que contribui em um grande grau para a facilitação do aprendizado (GOLEMAN, 2007, p. 11).

1.2.1 AS EMOÇÕES NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O ser humano por ter suas vivências registradas em seu cérebro emocional tem necessidade de receber carinho, atenção, ou seja, afetividade. A mesma coisa acontece na sala de aula no momento de ensino-aprendizagem com o professor e os alunos, pois somos um ser social e afetivo, então não poderia ser diferente na sala de aula. Segundo vários teóricos como Piaget, aprendemos um com os outros e por isso o processo de aprendizagem deve acontecer em um momento em que o aluno ou o professor estão bem consigo mesmo e com quem está ao seu redor, geralmente na sala de aula.

As pessoas precisam ter atenção, nem que para conseguir isso tenham que ficar doentes. Pais e professores conhecem casos em que crianças adoecem para ser notadas, para se sentir reconhecida de alguma forma (SHINYASHIKI, 2011, p. 34).

A prática pedagógica deve ser embasada nas vivências e exemplos dentro do seu grupo social, onde as vivências são indispensáveis no processo evolutivo de um ambiente de afeto, colaboração, e respeito mútuo, oferecendo ao estudante atividades que estimulem seu potencial evolutivo (ALVES, 2007).

Segundo Goleman (2007, p. 115), o domínio num ofício ou aptidão é estimulado pela experiência do fluxo, que é a motivação para se aperfeiçoar cada vez mais em alguma coisa que nos propomos fazer seja tocar violino, dançar ou qualquer outra função, é para estarmos pelo menos em fluxo quando a realizamos alguma tarefa ou atividade a ser feita. Neste caso, exemplificamos o professor e o aluno no momento da aprendizagem (GOLEMAN, 2007).

Quando estamos em fluxo, seja em qualquer profissão, as coisas fluem melhor, na educação, precisamos de professores que possuam habilidades da inteligência emocional para manter suas emoções equilibradas no momento do ensino-aprendizado. Pensamos em um modelo de ensino onde o professor está em fluxo e o aluno também, pois buscar o fluxo através do aprendizado é uma maneira mais humana, natural e muito provavelmente mais eficaz de arregimentar as emoções a serviço da educação (GOLEMAN, 2007); buscando praticar as

habilidades da Inteligência Emocional, não teremos êxito somente na educação, mas também na vida.

1.3 O PROFESSOR E SUAS EMOÇÕES

Segundo Goleman (2007), o conhecimento do perfil de uma criança ajuda o professor aprimorar a forma de dar aulas. Nesta perspectiva, é que dialogamos a relevância do profissional da educação, em especial, estar preparado e embasado em uma análise Transacional, onde o conceito de Strokes (*palavra americana, usada para renomear os termos emocionais: (estímulo, Toque, Carícia e reconhecimento)*). Nos cinquenta anos da Análise Transacional no Brasil, a dificuldade de tradução desse termo permaneceu pois estímulos e reconhecimentos são palavras frias demais para o sentido mais emocional de *strokes*. Por isso, a comunidade de Análise Transacional tem usado o termo carícias (com “C” maiúsculo) como sinônimo da palavra em inglês. (SHINYASHIKI, 2011).

Esse processo ajuda o professor a compreender a dimensão da afetividade no processo de aprendizagem, ou seja, com a dimensão psicológica do aluno na sala de aula, situações criada a partir das mudanças e reflexos da sociedade, onde os conflitos são sentidos na escola e o professor tem que saber lidar, seja com afeto ou com limites. Quando nem sempre surde efeito, pois primeiramente temos que conhecer bem os nossos alunos, para saber se estão precisando de afeto ou de limites.

Para Alves (2007, p.192), “As reais qualidades do educador, tanto sua capacidade intelectual como sua integridade moral são fundamentais para adquirir a confiança do jovem”. A verdade é que, antes de dar afeto ou de colocar limites, é preciso fazer um reconhecimento do ser humano com quem estamos lidando, isto é, o aluno. Com esse reconhecimento, é possível perceber quais são os estímulos que estão faltando a cada um e, só então, aplicar limites ou dar o afeto necessário. A questão, portanto, é colocar limites para quem precisa de limites em determinado momento, e dar afeto (o que for adequado) para quem precisa de afeto em certas circunstâncias (SHINYASHIKI, 2011).

Com isso, vemos qual a importância do professor como mediador dessa importante missão que é transformar vidas através da educação. Em especial, as Carícias que precisam ser cultivadas na sala de aula.

O professor hoje precisa ter em sua bagagem uma quantidade enorme de informação e de conhecimento, e ainda procurar transformar tudo isso em práticas diárias. Seu tempo é curto: ele precisa preparar aulas e provas, corrigir testes e exercícios, participar de reuniões, atender a pais e alunos, manter-se informado, fazer cursos de atualização... Isso sem contar o tempo que passa dentro da sala de aula (SHINYASHIKI, 2011, p.22).

Sendo assim, por muitas vezes o professor se sente desmotivado, pois a rotina acaba por acabar com aquele sonho de ser um grande educador. No relacionamento professor-aluno, para dar aos alunos o estímulo que eles necessitam e ao professor a valorização e reconhecimento devido.

O que observamos, no entanto, é que muito mais que o conteúdo pedagógico das aulas, a verdadeira fonte das dificuldades na sala de aula está na questão dos relacionamentos e da busca dos alunos por reconhecimento e aceitação. Aliás, tenho percebido muito dos problemas que o professor enfrenta em sala de aula têm a ver com a dificuldade de dar e receber estímulos, tanto por parte do próprio professor quanto por parte do aluno. (SHINYASHIKI, 2011).

A maioria dos problemas de comportamento enfrentados na sala de aula, por muitas vezes são um pedido de socorro de crianças e jovens, que não são tratadas apropriadamente pela família ou pela sociedade. Os estudantes não se sentem compreendidos e por isso apresentam comportamentos inadequados como: agitação, agressividade, violência, tédio, desmotivação e etc., nesses casos o professor deve ter uma linguagem atraente para unir-se ao aluno, é claro que com o acúmulo de tarefas para os professores quanto para os pais, dificulta essa atenção para a educação.

O acúmulo de tarefas, o cansaço pelo desgaste de ter que administrar tantas demandas na sala de aula, o vazio pela falta de colaboração da maioria dos pais, as classes com muitos alunos em diferentes condições e a necessidade que, hoje em dia, o professor tem de ser educador, pai, mãe, psicólogo e tantas outras coisas somente aumentam as dificuldades da profissão (SHINYASHIKI, 2011).

O autor nos fala do reconhecimento humano, tanto do professor quanto dos alunos são muito importante para um bom desenvolvimento da aquisição de conhecimento, haja vista que o ser humano tem sede de conhecimento. Mas, a estimulação tátil é tão importante quanto tal, pois, além de significar uma troca de

afetiva, propicia uma sensação de proteção e segurança e se sentir vivo, muitas vezes, resolve a agressividade ou a rejeição da criança para com o professor.

O mau comportamento dos alunos, em grande parte das vezes, é uma forma de chamar a atenção do professor e dos colegas. Seu comportamento destrutivo não acontece por acaso, mas sim como uma estratégia. No fundo, eles apenas querem ser notados (SHINYASHIKI, 2011, p. 30)

Por muitas vezes o que ocasiona essa carência de atenção é o cotidiano assoberbado dos pais e algumas experiências realizadas com exercícios de “falta de interação social” tem demonstrado que esse tipo de situação não é saudável para o desenvolvimento do ser humano.

O conhecimento do perfil de uma criança ajuda o professor a aprimorar a forma de apresentar-lhe um conteúdo e dar aulas no nível – do mediano ao mais avançado – que mais possa lhe proporcionar um desafio ideal. Fazer isso torna o aprendizado mais agradável, não apavorante nem chato (GOLEMAN, 2007, p. 116).

Ficando assim comprovado que os Estímulos, portanto, são fundamentais para a saúde mental. Jean Piaget (1896 - 1980), conhecido por seu trabalho no campo da inteligência infantil, afirma que o afeto pode acelerar a formação das estruturas cognitivas. Da mesma maneira, a falta dele pode retardar o desenvolvimento dessas estruturas. (SHINYASHIKI apud PIAGET, 2011).

Na obra de Piaget (1967), intitulada *Seis estudos de psicologia*, ele defende que existe um paralelo constante entre a vida afetiva e intelectual, e que esse paralelismo continuará por todo desenvolvimento até a adolescência. Dessa forma, a afetividade é (que inclui os estímulos) e a inteligência são indissociáveis. (SHINYASHIKI, 2011).

Percebemos que as pessoas querem se sentir importantes, principalmente as crianças pequenas, para elas o professor é um espelho, uma espécie de herói. O ser que vai estimular o aluno para receber novas aquisições. “O estímulo do meio somente estimula o indivíduo estiver sensibilizado para tal tipo de estímulo” (ALVES, 2007, p. 225).

Às vezes não é todo elogio que é importante, mas sim daquela pessoa em especial, no caso dela, o professor. Para a criança, principalmente a pequena o

professor é um ser especial, dotado de sabedoria, quase um super-herói. Dessa forma sua atenção, dedicação, carinho, afetividade, comprometimento e sensibilidade são elementos indispensáveis na comunicação amorosa, tão importante no dia-a-dia escolar. Fazem com que as crianças se sintam aceitas, admiradas, valorizadas, respeitadas e promovem a automotivação e o interesse pelo aprender (SHINYASHIKI, 2011).

Para Goleman (2007), a capacidade de entrar no fluxo é inteligência Emocional no ponto mais alto; o fluxo representa, talvez, a última palavra na canalização das emoções a serviço do desempenho e aprendizagem, acreditamos que ao adquirir o fluxo no aprendizado, a criança se sinta encorajada a enfrentar desafios, aprender com os conflitos dos outros, isso é experiência. Neste sentido, é muito importante estar em contato com os outros, não temos só fome biológica, mas sim de: atenção, reconhecimento, de contato, de valor e etc., principalmente as crianças e alunos da Educação Infantil e jovens, que por muitas vezes estão passando por conflitos. Se as crianças recebem elogios, se seus esforços forem reconhecidos durante seu processo de aprendizagem e sua fome por reconhecimento for saciada, certamente elevarão sua autoestima.

Isto significa dizer que, “fluir é uma experiência gloriosa: o sinal característico do Fluxo é uma sensação de alegria espontânea, e mesmo de êxtase. Por ser tão bom, é intrinsecamente compensador” (GOLEMAN, 2007, p.113). Dessa forma, aumentarão seu rendimento seu interesse, seu entusiasmo, sua iniciativa, sua criatividade e sua confiança (SHINYASHIKI, 2011).

O reconhecimento das tarefas cumpridas, pelos trabalhos realizados e pelo bom desempenho das provas constitui um pilar importante para o desenvolvimento pleno da criança durante a aprendizagem. Também pelo simples fato de ela existir e de estar ali tem enorme importância em sua vida (SHINYASHIKI, 2011). Isto significa dizer que a escola é um ambiente que deve ser bem estruturada para passar referências concretas de vida para os alunos. As estruturas levam as pessoas a ter referências, são pontos de referências de que os seres humanos precisam para se organizar no mundo.

No ambiente escolar, o aluno se sente mais seguro e valorizado quando reconhece a autoridade do professor e percebe a estrutura que ele cria para suas aulas. Esses são estímulos fundamentais para

que o aluno possa se desenvolver com tranquilidade (SHINYASHIKI, 2011, p. 39).

O aluno estando tranquilo, pode se desenvolver melhor, com estrutura adequada o aprendizado dinâmico, pois a forma afetuosa do educador aumenta, despertando o interesse do aluno aprender e das descobertas. O ser humano também tem fome de aprender essa é uma nova característica do psíquico humano: ele sempre está em busca de novas descobertas, de informações e de novas soluções.

E claro que se aprende melhor se o aprendizado for um processo dinâmico, lúdico, interessante e significativo, e se todos os envolvidos no processo de aprendizagem estiverem motivados. Nesse sentido, o afeto do educador aumenta, incentiva e desperta o interesse do aluno pelo aprender, pelas descobertas. (SHINYASHIKI, 2011). Segundo (ALVES, 2007, p.195), “Os estímulos do meio despertam a vontade, estimulando a ação, desenvolvendo os poderes latentes de cada um, desenvolvendo a inteligência e o sentimento”.

Temos fome de aprender, (SHINYASHIKI, 2011), aprendemos várias coisas ao mesmo tempo, mas essa sensação pode manifestar-se em maior ou menor intensidade, dependendo das emoções que estamos vivendo em cada momento vivido. Assim, “as emoções são parte dos mecanismos biorreguladores com os quais nascemos equipados, visando à sobrevivência” (DAMÁSIO, 2015, p. 52).

Em um momento como esse o professor deve ensinar: Português, matemática, história, e outras disciplinas, sendo que de maneira diferenciada, como por exemplo, embasá-las em: estímulo afeto, compreensão e principalmente transformar o ambiente cheio de vida, para que eles tenham vontade de estar na escola, o professor deve ter habilidade de detectar qual a necessidade do aluno no momento de ensino-aprendizagem.

Quando entendemos as fomes das pessoas, percebemos que ser um bom professor significa, além de ensinar bem sua matéria, também providenciar estímulos, estruturas, incidentes e motivação para o aprendizado dos alunos. Um ponto para a reflexão: você está providenciando um ambiente rico para o crescimento de seus alunos (SHINYASHIKI, 2011, p. 40).

Diante de tantas afirmações entendemos que através da afetividade, o professor pode motivar seus alunos a aprender, utilizando-a como um combustível, enquanto a razão sereia a forma para identificar seus desejos e ações. Não tem como pensar às duas diferenciadas, mas todas como fonte de energia para o aprendizado. A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Nesse caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático, porque então, se deveria de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia (SHINYASHIKI, apud LA TAILLE, 2011).

Com a afetividade e os métodos da Inteligência Emocional, comprovamos a contribuição para o aprendizado dos alunos e para o desenvolvimento das práticas de ensinar do professor. Hoje em dia, a Inteligência emocional já é reconhecida cientificamente como uma ajuda ao aperfeiçoamento da autoconsciência, confiança e ao controle das *emoções e impulsos perturbadores*, aumentando assim a *empatia*, resultando em comportamento melhor e também em um melhor desempenho das crianças nas salas de aula.

As emoções são importantes para a racionalidade na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando – ou incapacitando – o próprio pensamento. Do mesmo modo, o cérebro pensante desempenha uma função de administrador de nossas emoções – a não ser naqueles momentos em que elas lhe escapam ao controle e o cérebro emocional corre solto (GOLEMAN, 2007).

Emoções diferentes são produzidas por sistemas cerebrais diferentes. Exatamente como você é capaz de diferenciar, no rosto de alguém, uma expressão de raiva de uma expressão de tristeza, assim como você é capaz de sentir na carne a diferença entre tristeza e alegria, a neurociência está começando a nos mostrar como diferentes sistemas cerebrais atuam para produzir, digamos, raiva, tristeza ou alegria (DAMÁSIO, 2015, p. 58).

O objetivo de se trabalhar com os métodos da inteligência emocional não é só manter o controle de professor-aluno, mas também frear os impulsos desordenados de alunos e professores. Fazer com que o professor obtenha

resultados satisfatórios da turma, elevando-os a profissionais não só reconhecidos, mas também motivados a ensinar cada tipo de ser humano independente de suas necessidades educacionais.

1.3.1 RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: O ENCONTRO DAS EMOÇÕES

Existem várias teorias da aprendizagem que tentam explicar como ocorre o conhecimento. Pensamos em três delas, dos modelos pedagógicos embasados na Filosofia, Psicologia, Sociologia da educação. Alguns teóricos como Lock, Durkeim, Watson defendem que o conhecimento está no meio onde vivem e depois é repassado para a criança ou até mesmo para o adulto.

Durkeim, na Sociologia, destacando o Direito Punitivo (Punição pelo medo, ou seja, quando a sanção não tem relação com a falta cometida. Exemplo (em sala de aula): O aluno não fez a tarefa de casa. O professor o proíbe de sair para o recreio para que ele sirva de exemplo aos demais. Com Durkeim exalta-se a ideia de prisão (mas não a ideia de educar o culpado) (ALVES, 2007, p.218).

Do ponto de vista da Pedagogia, essa visão tende a estimular a Heteronômia, ou seja, o professor é o “dono da verdade”, “o senhor do conhecimento” é como se o aluno recebesse todo conhecimento pronto. Ao contrário dessa visão *empirista* temos o *racionalismo* que exalta a razão. Que destaca seus defensores como: Descarte, Kant, Rogers e outros, que defendem que o conhecimento vem da vontade do indivíduo e não de um condicionamento externo (ALVES, 2007).

De uma terceira visão de como ocorre o conhecimento, defendida por outros estudiosos como: Hegel, Vygotsky, o conhecimento vem da interação do indivíduo com o meio, ou seja, da interação social.

Desta linha de pensamento também se destaca Piaget, principalmente na Psicologia, declarando que o conhecimento vem da interação do indivíduo com o meio. É necessário o esforço construtivo. Através da experiência o indivíduo constrói o conhecimento de si mesmo (ALVES, 2007, p. 220).

Da análise dessas três visões, da aquisição do conhecimento, vemos a importância ativa do aluno no seu próprio processo de desenvolvimento, conduzindo-o a sua própria autonomia moral e intelectual.

Portanto o professor na sala de aula é um condutor das emoções tanto das crianças quanto as suas, buscando sempre um autocontrole conduzindo da melhor forma possível o ensino-aprendizagem. Também utilizando as habilidades da inteligência Emocional dentro da sala de aula e no cotidiano como em um exercício diário.

Howard Gardner, psicólogo de Havard que criou a teoria de inteligências múltiplas, vê o fluxo e os estados positivos que o caracterizam como parte da maneira mais saudável de ensinar as crianças mobilizando-as em vez de utilizar ameaças ou promessa de recompensa (GOLEMAN, 2007, p. 116).

O aprendizado deve ser atrativo para a criança nas áreas que mais elas possuam aptidões. (GOLEMAN, APUD GARDNER, 2007), “O fluxo é um estado interior que significa que uma criança está empenhada na tarefa certa”. Isso significa que aprendemos mais quando nos interessamos por aquele assunto ou algo que nos dê prazer, é então que nos empenhamos em fazê-la, por tanto, nós professores devemos criar estratégias que envolvam os nossos alunos.

A estratégia usada em muitas das escolas que estão pondo em prática o modelo de múltiplas inteligências de Gardner gira em torno da identificação do perfil de aptidões naturais das crianças e do aproveitamento dos seus pontos fortes, além da tentativa de dá suporte que elas são fracas (GOLEMAN, 2007, p. 116).

Os estudantes não vão se cansar de querer aprender, de adquirir novos conhecimentos oferecidos pelo professor se estão realizando algo prazeroso, que instiga sua criatividade e curiosidade. Shinyashiki (2011) concorda com Leonardo da Vinci ao afirmar que “aprender é a única coisa que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende”. Entendemos portanto, que é nesse momento que o professor deve aproveitar que o aluno está motivado para aplicar certas habilidades que o ajude a fazer com que compreenda melhor um assunto em que ele tenha dificuldade de aprender.

2. CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as emoções do professor interferem no processo ensino-aprendizagem de seus alunos. O interesse por essa temática surgiu através das observações durante o período do Estágio II em Maio de 2017 e finalizado em Novembro de 2018, na escola Municipal “Beatriz Maranhão” em duas turmas de 1º e 4º ano do Ensino Fundamental no turno matutino. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras de séries diferentes do ensino fundamental, pois nos pareceu irrelevante o ano em que elas lecionam, mas sim é importante a observação de suas emoções na sala de aula, bem como o comportamento dos estudantes em relação a essas emoções. Para tanto, se fez necessário à autorização da escola, para que pudéssemos fazer o uso devido de suas imagens, além dos depoimentos das docentes durante a aplicação dos questionários.

Sendo nosso objeto as emoções do professor, esta pesquisa é de caráter qualitativo, classificada como exploratória, onde exploramos o contexto da Inteligência emocional diante das emoções do professor na sala de aula no cotidiano escolar. Os estudos qualitativos tem a característica de observar a experiência humana nos acontecimentos e fenômenos inexplicáveis ou não compreendidos.

A pesquisa qualitativa pressupõe que a utilização dessas técnicas não deve construir um modelo único, exclusivo e estandardizado. A pesquisa é uma criação que mobiliza acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação (CHIZZOTTI, 2010, p. 85).

Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa nos proporciona um espaço e as vivências onde sujeito e objeto relacionam-se de forma recíproca. Entendemos que a referida pesquisa ocorre num contexto histórico-social onde as emoções influenciam e são influenciadas por conflitos que são inerentes a vida humana e suas respectivas experiências com os outros. Assim, optamos por uma abordagem dialética materialista histórica, pois o mesmo para ser materialista e histórico não se

deve construir em uma doutrina ou em soluções tecnológicas, mas uma maneira específica de olhar o objeto além de sua aparência.

Finalmente, como advertência prévia em relação ao que me refiro, é importante enfatizar que a dialética, para ser materialista e histórica, não pode construir-se numa “doutrina” ou numa espécie de *suma tecnológica*. Não se pode construir em uma camisa de força fundada sob categorias gerais não historicizadas. Para ser materialista e histórica tem de dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular (FRIGOTTO, 1987, p. 79).

Evidenciamos assim a intensão da pesquisa no método de abordagem dialética o qual utilizamos para descobrir como as emoções do professor interferem no ensino-aprendizagem. Por manter um contato direto com o sujeito, em uma conexão no momento da observação da construção de resultados.

O estudo das emoções é exemplar para demonstrar a utilidade da dialética como método de análise para a psicologia. Manifestação de natureza paradoxal, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico (GALVÃO, 2011, p.57).

Através desta abordagem, podemos utilizar uma concepção de realidade, de vivências dos sujeitos pesquisados, este constitui-se em uma espécie de mediação no processo de aprender, de explorar e de transformação dos fenômenos sociais. Também nos proporciona uma natureza paradoxal que as emoções nos trazem.

No decorrer do processo de pesquisa o qual utilizamos o método estudo de caso, pois o mesmo é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. O estudo de caso costuma ser usado como estudo-piloto nos estudos de campo como para descrição de síndromes raras (GIL, 2008, p. 54).

Esta modalidade nos ajudou a descrever o contexto em que foi sendo feita a investigação, pois é um fenômeno de uma situação complexa, que envolve várias condições sociais. Há algumas objeções quanto ao uso deste método de procedimento, uma delas é de que o método não utiliza uma metodologia rígida; por essa razão, aparecem muitos vieses nos estudos de caso, que por muitas vezes comprometem a qualidade dos resultados. “Logo, o que cabe propor ao pesquisador

disposto a desenvolver o estudo de caso é que redobre seus cuidados tanto no planejamento quanto na coleta e análise dos dados” (GIL, 2008, p. 54).

Como técnicas de pesquisa foi realizada a observação e o questionário. No que tange a observação, esta técnica tem um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. “[...] a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (LÜDKE, 2013, p. 30). O motivo foi observar as emoções, os afetos e os sentimentos que no momento do processo educativo interagem com a cognição.

Utilizar essa técnica possibilitou um rico conhecimento, pois podemos vivenciar situações onde as emoções das professoras interferem e interagem na aprendizagem dos estudantes, bem como em seus comportamentos. “A observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado” (CHIZZOTTI, 2010, p. 90). O método de observação participante nos ajudou a entender melhor o universo dos sujeitos escolhidos, no que diz respeito às peculiaridades que são inerentes aos mesmos, como a fala, os gestos, a capacidade de lidar com as emoções do outro, o comportamento diante de situações conflituosas e frustrantes e em situações de alegria e êxito.

Quanto aos questionários, este permite fazer mensuração (medir) com melhor exatidão o que se deseja coletar.

A composição de um questionário combinando respostas de escolha múltipla com uma aberta possui a vantagem de ofertar maior número de informações, sem apresentar dificuldades na tabulação. As perguntas não podem sugerir ou induzir as respostas nem ser redigidas nas formas afirmativas ou negativas, que podem levar à concordância pela lei do menor esforço. (FONSECA, 2008, p. 114-115).

Escolhemos o questionário para que tenhamos maior número de informações sobre as emoções dos sujeitos e como estes lidam com elas no processo ensino-aprendizagem dos estudantes. Aplicamos o questionário também para avaliarmos seus conhecimentos quanto ao tema discutido e saber como às emoções interferem no ensino-aprendizagem dos alunos na sala de aula. Optamos por essa técnica, pois segundo (FONSECA, 2008, p. 113) “todo planejamento de

uma pesquisa inclui um plano de execução, tais como, a aplicação de questionário, formulários, roteiros de entrevistas, teste de laboratório e etc.”.

O questionário foi elaborado com 5 (cinco) perguntas abertas, direcionadas as professoras para que pudessem discorrer o assunto em questão, conforme sua opinião e seu grau de conhecimento, facilitando assim para as mesmas responderem e para nós termos uma gama maior de informações. Vale destacar que o questionário só foi entregue após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual está em anexo. Isto se faz necessário para que os sujeitos da pesquisa sintam-se confiantes e protegidos.

Segundo Kramer (2002) um processo ético fundamental tem sido o de consultar pessoas fotografadas ou filmadas, solicitando sua autorização. Em nossa pesquisa, usamos apenas algumas fotografias para efeito de comprovação do ambiente da pesquisa em que as professoras atuam. O questionário respondido pelas próprias professoras retratam na íntegra a sua fala em relação a suas emoções no dia a dia com as crianças e seu cotidiano escolar. Este permitiu uma análise das professoras das turmas com intuito de saber como consideram que as emoções influenciam no contexto escolar, contribuindo assim para a nossa pesquisa.

Portanto, no capítulo a seguir, teceremos mais comentários sobre nossos sujeitos e suas emoções expressas na sala de aula por meio das observações e do questionário.

CAPÍTULO III: INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES.

Neste capítulo apresentamos a análise e discussão dos resultados da pesquisa obtidos por meio da observação participante e dos questionários aplicados às professoras. A observação nos permitiu compreender como nossos sujeitos lidam com suas próprias emoções no processo-ensino-aprendizagem e o questionário possibilitou identificar o que as professoras pensam sobre o controle emocional na sala de aula, assim como a relevância disso para a aprendizagem dos estudantes.

Na pesquisa busca-se encontrar resultados passíveis de comprovação que em um contexto ambiental, social e comportamental, através da afetividade no ensinamento dentro da escola, acontece uma evolução da cognição no momento da aprendizagem, perspectiva que iremos discutir por meio das informações coletadas durante o período de investigação do tema Inteligência Emocional no processo ensino-aprendizagem.

Nesta perspectiva, buscamos encontrar resultados que respondam a nossa inquietação quanto ao comportamento observado dos sujeitos desta pesquisa. Nosso interesse no resultado é contribuir para uma melhor aprendizagem na educação e para a sociedade em que vivemos a qual considere as emoções, seja do professor ou do estudante, como elemento indispensável da cognição. Por esse motivo, discutiremos a seguir todas as informações coletadas durante o processo investigativo se as emoções do professor interferem no desenvolvimento escolar.

3.1 O CONTEXTO DA PESQUISA: PERFIL DOS SUJEITOS

O objetivo principal da pesquisa é analisar como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental na escola municipal “Beatriz Maranhão” de Parintins-Am. Iniciamos com a observação e o processo de coleta buscando construir conhecimento sobre o nosso objeto de estudo: as emoções do professor.

Segundo Goleman (2007 p) as emoções são reguladas pelo cérebro, algo comprovado no campo incipiente da Neurociência. No campo da educação, Goleman diz que é a partir do fluxo que acontece a motivação para a aprendizagem,

pois fluxo é o um estado de superação em qualquer atividade que a pessoa realiza termo denominado por um psicólogo da universidade de Chicago chamado Mihaly, ele chama de fluxo o máximo desempenho, isso pesquisando em duas décadas esse momento de estase do ser humano, por tanto a capacidade de entrar em fluxo é inteligência emocional no ponto mais alto, ou seja, a última palavra na canalização do desempenho e aprendizado, por isso ele autor diz que é o início do processo do aprendizado. Segundo Goleman, as emoções são adaptativas porque preparam, orientam, predis põem comportamentos para experiências positivas ou negativas (GOLEMAN, 2007).

Deu-se início a pesquisa no período do Estágio II, em Maio 2017 e finalizada em Novembro de 2018 na escola municipal “Beatriz Maranhão” de Parintins-AM.

Nas análises utilizamos pseudos nomes para nossos sujeitos: Professora **Felicidade** e professora **Esperança**. Enfatizamos aqui que nos chamou a atenção na professora Felicidade foi seu comportamento e a forma de lecionar, tendo um controle da turma impressionante, pois somente com a sua presença os estudantes mantiam-se concentrados fazendo suas atividades, ao mesmo tempo em que motivava-os, a mesma acalmava os estudantes utilizando a música em vários momentos.

Quanto à professora Esperança, esta é o inverso da professora Felicidade. Mostrou-se sempre nervosa e desatenta, utilizava métodos estranhos como controlar a turma através de amedrontar os estudantes com frases como: “quem não se comportar vai para o inferno”! Quase sempre não chegava no horário e estava sempre com problemas pessoais evidentes, com cobradores na porta de sua sala, por exemplo. Isso não a deixava se concentrar no momento de ensinar, e as crianças presenciavam essas situações, até ficavam preocupadas ao ouvir as conversas que a professora tinha ao atender o celular na sala de aula, que geralmente eram de efeito moral.

A professora Felicidade, a qual foi a primeira a ser observada, demonstrou um autocontrole emocional ao aplicar os conteúdos de sua aula, sendo ela a principal motivação para esta pesquisa. Até mesmo em momentos de euforia de seus estudantes, era capaz de mantê-los sempre calmos e comportados somente com a sua presença. Sempre conseguiu ministrar suas aulas sem interrupções, a não ser para tirar as dúvidas que surgiam durante as atividades. É importante ressaltar que a professora Felicidade leciona há 28 anos e é graduada em Normal

Superior e pós-graduada em psicopedagogia, trabalha com uma turma de 4º ano, composta por 25 estudantes, turno matutino. ***“Eu sempre me mantenho calma porque não adianta perder o controle, se eu perder o controle não vai mudar nada. Quando eu entro na sala eu tento esquecer os meus problemas” (professora Felicidade).***

Não temos dúvida que a professora Felicidade tenha problemas emocionais em casa ou com a família, mas ao entrar na sala de aula conseguia controlar suas emoções, de modo que isso não afetasse ou interferisse no ensino-aprendizagem de seus estudantes. Consideramos que o professor é responsável pela atmosfera afetiva na sala de aula, mantendo um controle emocional não somente seu, mas de seus estudantes.

Atualmente, muito mais do que transmitir conhecimento, o professor precisa cuidar da atmosfera afetiva da sala de aula, da qualidade do diálogo afetivo, que estabelece com seus alunos, criando empatia profunda e eterna, contribuindo para diminuir suas dificuldades de aprendizagem, com afeto, carinho, motivando-os, incentivando-os a dar o melhor de si para que possam superar seus limites e ter prazer pelo ato de aprender (SHINYASHIKI, 2011, p. 109).

Sabemos que o professor é muito mais do que um mediador, por isso deve manter o controle emocional ao entrar na sala de aula. (SHINYASHIKI 2011, p.109) “Sabemos que no processo de aprendizagem, o professor é o principal agente educacional e não poderíamos deixar de citar o carinho na relação professor-aluno”. Conseguindo controlar suas emoções negativas, a professora ao adquirir uma atmosfera harmoniosa, carinhosa, atenciosa a seus estudantes, consegue lecionar melhor.

A professora Esperança chamou nossa atenção por sempre demonstrar de forma evidente suas emoções negativas como preocupação e ansiedade. Foi possível observar que sempre seus problemas pessoais eram resolvidos na sala de aula o que a atrapalhava no desenvolvimento das atividades. Algumas vezes, surgiam cobradores na porta da sala de aula, deixando-a nervosa e sem paciência de ensinar ou tirar dúvidas dos estudantes o que é compreensível por estar bastante preocupada com seus problemas. Destacamos que esta professora leciona há 25 anos e é graduada em Normal Superior, tendo bastante experiência, pois trabalha desde muito jovem e lecionou para várias turmas como turmas de multisseriado.

Como vimos, a preocupação é a essência do efeito prejudicial da ansiedade sobre todo tipo de desempenho mental. É claro que a preocupação é num certo sentido uma resposta útil que se deu erradamente - uma supercuidadosa preparação mental para uma ameaça previsível (GOLEMAN, 2007, p. 106).

Partindo dessas observações percebemos o poder que tem as emoções de perturbar o próprio pensamento. Concordamos com Lent (2016) quando diz que o desenvolvimento da mente está fortemente ligado a maturação do Sistema Nervoso.

O desenvolvimento da mente está fortemente ligado à maturação do Sistema Nervoso. Assim, nossos atos motores e cognitivos são possíveis à medida que a área do sistema nervoso que controla seu funcionamento se desenvolve. Quanto mais maduro o sistema, mais ampla e irrestritas nossas capacidades. A complexidade de nossos comportamentos reflete diretamente nosso funcionamento neural (LENT 2016, p. 107).

Para Kandel (2014) tal abordagem unificada, na qual mente e corpo não são vistas como entidades separadas, o mesmo apoia-se na visão de todo o comportamento é resultado da função encefálica. Pois a mente é um conjunto de operações executadas pelo encéfalo, os quais os mesmos formam a base de todos os comportamentos. Para Kandel, em suma, emoções são respostas comportamentais e cognitivas automáticas, pois muitas das vezes disparam sem que nós as acionamos, ou seja, geralmente são inconscientes, disparadas quando o encéfalo detecta um estímulo significativo, sendo ele, negativo ou positivamente carregado. Sentimentos são as percepções conscientes das respostas emocionais, por isso, os sentimentos são respostas que somente a pessoa tem certeza dos mesmos, por serem conscientes.

Utiliza-se o termo sentimentos para se referir à experiência consciente dessas alterações somáticas e cognitivas. Em certos sentidos os sentimentos são significados que o encéfalo cria para representar os fenômenos fisiológicos gerados pelo estado emocional (KANDEL 2014, p. 938).

Goleman (2007) cada tipo de emoção que vivemos nos predispõe para uma ação imediata. Cada uma sinaliza para uma direção, que nos decorre desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, como sabemos na hora de tomar as decisões ou de fazermos algumas ações, nesse momento às emoções pesam muito, às vezes muito mais que a razão.

As pessoas capazes de canalizar suas emoções, por outro lado podem usar a ansiedade antecipadora, antes de enfrentar qualquer atividade, conseguindo o controle emocional e saindo-se bem em qualquer situação conflitante. O objetivo da realização da observação foi ter um olhar mais aprofundado à questão de como as emoções do professor interferem no ensino-aprendizagem, observando situações do cotidiano escolar onde as emoções se revelam e interagem nos atos de ensinar e aprender.

3.2 COMPREENDENDO O COMPORTAMENTO EMOCIONAL DAS PROFESSORAS

A partir das observações realizadas no contexto da pesquisa e os questionários aplicados aos sujeitos, foi possível construir conhecimentos sobre como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes. Desse modo, tecemos alguns comentários acerca das respostas das professoras e aquilo que vivenciamos na sala de aula. Desde já destacamos que são duas realidades opostas, são sujeitos que se destacam pelo extremo de seus comportamentos emocionais. Assim, as observações se misturam com as falas das professoras de modo a compreendermos o dizem e o que realizam.

Inicialmente julgamos necessário saber das professoras qual o conceito que atribuem à emoção, isto porque, embora todos tenham emoções, nem sempre sabemos identificá-las.

A emoção para mim é uma reação de algum fato vivido ou vivenciado, seja no cotidiano do lar ou de trabalho e faz-se necessário que saibamos lidar com elas sem deixar marcas ou despertem algum tipo de sentimento (professora Felicidade).

...emoção é um sentimento causado por algum motivo que pode ser bom ou ruim (professora Esperança).

Quanto ao conceito de emoção, três teóricos se destacam: Goleman, Wallon e Kandel. Wallon enfatiza que “as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do Sistema Nervoso Central” (GALVÃO 2011, p. 59). Kandel (2014), emoção é o conjunto de respostas fisiológicas que ocorre mais ou menos de maneira inconsciente quando o encéfalo detecta certas situações desafiadoras. Para Goleman (2007) a emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir. O autor ainda enfatiza que emoção é o conjunto das respostas fisiológicas que ocorrem mais ou menos de maneira inconsciente quando o encéfalo detecta certas situações desafiadoras.

Neste sentido, o conceito de emoção da professora *Felicidade* se aproxima do pensamento Walloniano. Pois, o mesmo afirma que a emoção é uma reação organizada, ou seja, uma resposta do cérebro a algum acontecimento que motiva o sistema Nervoso Central e resulta nessas emoções, tal qual a professora responde: *que é uma reação de algum fato vivido ou vivenciado, seja no cotidiano do lar ou de trabalho.*

Já a professora Esperança tem como conceito de emoção aquilo que Kandel afirma, onde as emoções são respostas fisiológicas em situações que nos desafiam. Isto significa dizer que, as emoções ao serem “espoletada” por alguma situação emocional, precisa ser controlada para que não cause nenhum dano emocional nem ao sujeito, nem aos que estão à sua volta. As situações desafiadoras mexem com o sistema Nervoso Central e acabam por desencadear muitas reações fisiológicas inesperadas produzindo assim comportamentos diversos.

Essas situações fisiológicas automáticas ocorrem tanto no encéfalo quanto no resto do corpo. No encéfalo envolvem mudanças nos níveis de: alerta e nas funções cognitivas, como atenção, processamento da memória e estratégias de decisão (KANDEL, 2014, p. 938).

Distinguimos então que o encéfalo é uma parte do cérebro onde acontecem os processos encefálicos, os quais são responsáveis pelo: sentir, agir, aprender e lembrar-se dos seres humanos, ou seja, em seus comportamentos. Demonstrando a capacidade de inteligência do homem. Segundo Kandel (2014) traz uma frase do pai da medicina Hipócrates, há V século antes de Cristo, já dizia sobre o encéfalo: “... *Essas coisas que sofremos todas vêm do encéfalo...*”. Kandel (2014) comenta sobre

os últimos desafios das Ciências biológicas – é compreender a base biológica da consciência e os processos encefálicos pelos quais o ser humano sente, age, aprende, lembra o que segundo ele formam a base biológica da consciência e do aprender em si.

Processos encefálicos formam a base, não apenas dos comportamentos motores, como caminhar e comer, mas também de atos e comportamentos cognitivos complexos que são entendidos como a quintessência do comportamento humano – o pensamento, a linguagem e a criação de obras de Arte (KANDEL, 2014, p. 5).

Goleman (2007) afirma que anatomicamente, o sistema emocional pode agir de modo independente do Neocórtex, pois algumas reações e lembranças emocionais podem formar-se sem que haja nem uma participação consciente e cognitiva, ou seja, a amígdala pode guardar lembranças e repertório de respostas, que interpretamos sem saber como, aquelas que falamos sem mesmo parar pra pensar e responder. Isso acontece porque tem um atalho do tálamo direto para a amígdala, que está ali como um reservatório de impressões emocionais e lembranças que não temos plena consciência, portanto, algumas vezes fazemos inconscientemente alguns reflexos ou respostas sem esperarmos, essas opiniões inconscientes são memórias emocionais, ficam guardadas na Amígdala.

Compõe também o Sistema Límbico o Hipocampo, que o mesmo é considerado a estrutura-chave do Sistema Límbico, está mais ligado aos padrões perceptivos do que com as reações emocionais, pois o mesmo contribui fornecendo uma precisa memória de contexto *vital* para o significado emocional. Enquanto o hipocampo lembra os fatos puros, fidedignos quanto o ocorrido, a Amígdala retém o sabor emocional que o acompanha, mostra através das emoções o que o sujeito estar sentindo naquele momento. É a Amígdala que daí em diante enviará uma onda de ansiedade que nos percorre o corpo toda vez que em uma situação contrária do que o hipocampo registrou, o hipocampo é crucial para registrar, mas é a Amígdala que vai tomar a decisão se você segue ou não, gosta ou não, aceita a informação dada ou não (GOLEMAN 2007).

Então por esses instrumentos emocionais que compõem o Sistema Límbico é que vemos que tudo começa do cérebro emocional e depois para o cérebro Intelectual, onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem. As emoções são tão

importantes nesse processo que dela depende o sucesso ou o fracasso da aprendizagem.

Emoção não é apenas uma manifestação de sentimentos ou de impulsos, mas considera-se o início de todo processo de aprendizagem, pois segundo Goleman (2007) o início de tudo se dá pelo *bulbo olfativo*, por que segundo o autor na mais primitiva raiz do tronco cerebral, ou seja, o bulbo olfativo, assim conhecido na Pré-história, surgiu os centros emocionais. “Esse cérebro-raiz regula funções vitais básicas, como a respiração e o metabolismo dos outros órgãos do corpo, e também controla as reações e movimentos estereotipados” (GOLEMAN, 2007, p. 36). O autor diz ainda que ao longo de milhões de anos de evolução, o cérebro cresceu de baixo para cima, os centros superiores desenvolvendo-se como elaborações das partes inferiores mais antigas. Ele comenta também o processo de evolução dos embriões, que o crescimento do cérebro no embrião humano refaz mais ou menos esse mesmo processo evolucionário.

Não se pode dizer que esse cérebro primitivo pense ou aprenda ao contrário ele se constitui em um conjunto de reguladores pré-programados que mantem o funcionamento do corpo como deve reagir de modo a segurar a sobrevivência (GOLEMAN, 2007, p. 36).

Milhões de anos depois, na evolução dessas áreas emocionais, desenvolveram-se o cérebro pensante ou o “Neórcortex”, o grande bulbo do tecido ondulado que forma as camadas externas, Segundo Goleman, o cérebro emocional existiu muito antes do surgimento do cérebro racional (GOLEMAN, 2007). Goleman afirma que a parte mais primitiva do cérebro partilhada, com todas as espécies que tem um sistema nervoso superior a um nível mínimo é o tronco cerebral, em volta do topo da medula espinhal.

Desde os primórdios, as emoções já dominavam o homem, só que antes era identificada pelo olfato. (GOLEMAN, 2007) “a mais antiga raiz da nossa vida emocional está no sentido do olfato, ou mais precisamente, no lobo olfativo”.

Ao acontecer à transformação do cérebro com novas e decisivas camadas acrescidas, a que envolve o tronco cerebral chamada de sistema límbico, pode se definir duas ferramentas importantíssimas para o ensino – aprendizagem, a aprendizagem e a memória. Sendo assim, se faz necessário que o estudante esteja bem emocionalmente para que o sistema central nervoso não altere através das

emoções negativas o sistema límbico, deixando fluir a aquisição da aprendizagem e a memória possa codificar depois armazenar esses aprendizados e em seguida colocá-los em prática.

O aprendizado refere-se a uma mudança no comportamento que resulta da aquisição de conhecimento acerca do mundo, e a memória é o processo pelo qual esse conhecimento é codificado, armazenado e posteriormente evocado (KANDEL, 2014, p.991).

Dependendo do comportamento do professor o estudante faz mudanças nos níveis de: alerta e nas funções cognitivas, como atenção, processamento da memória, com isso pode responder de forma positiva ou negativa no momento do ensino-aprendizagem, ou seja, depende muito do comportamento do professor para com eles. No que se refere ao contexto do espaço observado, ou seja, na sala de aula, nos dias em que a professora do 1º ano, deixa transparecer que está com problemas ou preocupada, vimos que os estudantes não se concentravam, eles queriam saber o que ela estava passando, interferindo no processo de ensino.

Se o professor apresenta uma fisionomia que transpareça bem estar, logo o estudante também vai se sentir tranquilo e confiante para estudar. Desse modo, o professor dá seguimento a um bom processo de ensino-aprendizagem, ele precisa ter domínio de suas emoções para que as emoções negativas não prejudique no mesmo. Kandel (2014) esclarece que a maior parte do aprendizado resulta em alterações comportamentais que duram por muitos anos, aí se vê a importância dos primeiros anos de aprendizagem, como fica na memória da infância mas, Kandel afirma que porém mesmo reflexos simples podem ser modificados por um período breve, ou seja, se trabalhado o aprendizado da criança, pode-se mudar os conceitos aprendidos ou trazidos de casa para a escola.

O fato de que o comportamento é aprendido, desperta uma questão interessante: como o comportamento se modifica se o sistema nervoso é conectado de forma tão precisa? Há atualmente evidências consideráveis para a plasticidade funcional em sinapses químicas (KANDEL, 2014, p, 33).

Kandel (2014) explica que as sinapses químicas são funcionais e anatomicamente modificadas por meio da experiência e do aprendizado tanto

quanto durante o desenvolvimento precoce. Ele também diz que é essa plasticidade funcional dos neurônios que caracteriza cada um de nós como seres individuais. Portanto, no processo educativo o professor tem de identificar cada estudante como um ser impar, que tem suas próprias características e não compara-lo com os outros, principalmente os que têm dificuldades de aprendizagem. Pois dependendo das emoções e motivações, esse estudante pode vir a se superar através da afetividade e dos métodos do professor, até mesmo porque segundo Kandel e outros teóricos, a mudança de comportamento e aprendizagem ocorre através de experiências vividas e do ensino diário.

A partir do conceito de emoção destacado pelas professoras Felicidade e Esperança, perguntamos se os estudantes percebem quando não estão emocionalmente bem.

Alguns percebem aqueles mais observadores, que muitas vezes chamam pela atenção dos colegas. Mas isso é o reflexo de nossas conversas que sempre temos em como aproveitar o momento de sala de aula (Professora Felicidade).

Sim, através da expressão do meu rosto e do meu comportamento. Porque sempre sou alegre e carinhosa (Professora Esperança).

Em relação à resposta da professora Felicidade, percebemos que ela tem uma relação de confiabilidade com seus estudantes e ela comenta que aqueles mais atentos logo percebem que ela não está bem e perguntam a ela o que aconteceu para que ela esteja com aquela expressão de preocupação ou tristeza e logo os que são mais entendidos, corrige os colegas para não a constrangê-la.

A professora Esperança fala que os estudantes sabem quando ela não está bem através da expressão facial. Lent (2016) afirma que as expressões emocionais podem ser medidas objetivamente. Percebemos que os estudantes observam essas expressões faciais no momento em que a professora é cobrada por um prestamista na porta da sala, os estudantes ficam curiosos ao ouvir a voz que vinha da porta entre aberta com um tom de aborrecido e a professora precisa contornar a situação constrangedora, eles ficaram agitados e queriam saber o que estava acontecendo. Ao entrar novamente na sala, eles a olhavam como que se quisessem perguntar o que estava a incomodando.

A expressão das emoções podem ser medidas objetivamente, e envolvem respostas comportamentais, bem como alterações endócrinas e autonômicas. Assim como seria de se esperar, muito mais se conhece sobre os substratos neurais da expressão emocional, do que sobre da Experiência Emocional (LENT, 2016, p. 228).

Raiva, tristeza, vergonha, são algumas das muitas expressões emocionais, portanto elas são visíveis na face e em movimentos fisiológicos das pessoas quando estão em conflito por alguma situação indesejável. Então, realmente é possível que os estudantes notem pela expressão da professora se ela está bem ou não. Sendo assim, perguntamos a seguir: Você consegue separar seus problemas pessoais dos problemas da sala de aula?

Sim. Porque isso é fundamental, para que tenhamos um bom relacionamento e um bom desempenho, eu como professora/educador e eles como educandos (Professora Felicidade).

Não totalmente. Quando o problema é muito forte deixo transparecer (Professora Esperança).

Esperança admite que seus problemas e preocupações quando muito sérios, atrapalha seu trabalho, pois não consegue separá-los da sala de aula, o que se evidenciou no período em que observamos. Presenciamos um momento quando tocou o celular e a professora demonstrou uma expressão de preocupada e os estudantes ficaram atentos à conversa da mesma no celular, logo se ouviu a palavra delegacia e alguns deles ficaram assustados. Para amenizar a situação, Esperança saiu da sala para falar ao celular fora da sala de aula. Portanto, foram vários momentos em que observamos que a professora demonstrava preocupação.

Quando se deixa uma preocupação repetir-se continuamente, sem que seja contestada, ela adquire poder de persuasão; se contestá-la, pode evitar um problema ainda maior, deve-se entender o problema e refletir a respeito. Principalmente ao se tratar da sala de aula, local onde os estudantes estão muito receptivos a o que vai aprender. Quanto a não deixar as preocupações repetir-se continuamente, evidenciamos que a professora do 4º ano, Felicidade, consegue evitar que problemas emocionais e financeiros, não interfiram no seu cotidiano na sala de aula, conseguindo assim ter uma sala com harmonia e tranquilidade para

que os estudantes possam absorver mais conhecimento e ter um bom desempenho, tanto ela como educadora e eles como educandos.

Outro questionamento que fizemos aos nossos sujeitos foi se conseguem ter controle de suas emoções negativas na hora da sala de aula. Isto porque sabemos que todo ser humano em algum momento da vida possui emoções desagradáveis e que são difíceis de lidar, no entanto, é necessário ter equilíbrio sobre elas.

Eu sou uma pessoa calma, sempre faço uma reflexão sobre o meu trabalho, o que ocorre ou venha ocorrer. Sempre busco o controle das emoções, não deixo que elas possam vir prejudicar o nosso momento de sala de aula. Procuro me colocar no lugar do outro e ser compreensiva (Professora Felicidade).

Sim. Entendendo que são crianças estão ainda adquirindo maneiras boas para o seu comportamento e as ruins fazem parte também (Professora Esperança).

Quanto ao depoimento da professora Felicidade, de fato, percebemos durante as observações que a calma e o controle emocional são características marcantes em seu trabalho. Em nenhum momento percebemos algum tipo de estresse, raiva, impaciência ou descontentamento com o que realizava. Sempre muito carinhosa, dedicada, àquilo que se propunha a fazer, mesmo em situações adversas.

Na sala de aula a melhor postura do professor deve ser a de incentivar seus alunos a viver de modo que recebam Caricias (*strokes*), por serem eles mesmos e por se permitirem dar e receber Caricias. Sem ter de provar coisa alguma a quem quer que seja, nem a si mesmos (SHINYASHIKI, 2011, p.120).

Embora a professora Esperança afirme que consegue separar as emoções negativas durante as aulas, em muitas situações evidenciou-se um descontrole emocional a ponto de contagiar a turma ocasionando nos estudantes nervosismo, medo e insegurança.

Quando o medo dispara o cérebro emocional, parte da ansiedade resultante fixa a atenção na ameaça direta, forçando a mente a

obcecar-se sobre como tratá-la e a ignorar tudo mais que ocorra naquele momento (GOLEMAN, 2007, p.89).

No momento em que o professor entra na sala de aula com um certo descontrole emocional, causa nos estudantes emoções negativas, preocupando-os, pois a preocupação tem como objetivo, alertar e pensar em uma solução antecipada do problema. Por isso a causa do medo, ou seja, pensar em uma forma de se proteger daquele conflito. Diante disso, questionamos às professoras: Em sua opinião as emoções negativas do professor interferem no rendimento escolar dos alunos? Por quê?

Sim. Porque muitos deles vivenciam no seu dia-a-dia, fatos que os deixam sem estímulo. Então o professor deve estar preparado para que tais emoções negativas não comprometam o seu trabalho e nem o desempenho dos seus alunos e com isso desenvolvam as atividades propostas e alcancem um bom rendimento escolar (Professora Felicidade).

Sim claro. Porque a relação entre o professor e aluno não pode ser recíproca. Se o aluno recebe uma atitude negativa não pode responder com positiva (Professora Esperança).

Ambas as professoras revelaram que as emoções negativas do professor interferem na aprendizagem dos estudantes. Para a professora Felicidade, o professor deve estar preparado de modo a não permitir que tais emoções comprometam o desempenho das atividades. A professora Esperança também concorda, no entanto, sua fala fica um pouco confusa, ao dizer que a relação professor-aluno não pode ser recíproca. Entendemos que a mesma se refere a emoções negativas do professor e não concorda que o estudante reaja da mesma forma, quando o professor estiver com essas emoções. Esperança pensa em que o estudante deva compreendê-lo e não revidar da mesma forma. Nesse sentido Observamos mesmo, é que os alunos acabam ficando indecisos de como lidar com as emoções negativas do professor nesse momento.

Os alunos não se sentem compreendidos em suas necessidades e não se sentem acolhidos em suas carências e, por isso, manifestam comportamentos que visam, na maioria das vezes, chamar a atenção do professor e dos colegas ((SHINYASHIKI, 2011, p. 23)

Visando a concepção de Shinyashiki (2011) que os alunos comportam-se mal ou com rebeldia para chamar a atenção do professor e dos colegas, perguntamos as professoras se as emoções positivas ajudam na evolução do ensino–aprendizagem e por quê.

Sim. Porque eles terão mais estímulos e sentirão mais vontade em aprender, terão mais interesse na busca do conhecimento, desenvolvendo certas habilidades que ajudarão na evolução do ensino-aprendizagem (Professora Felicidade).

Com certeza. Porque deixa o aluno motivado e livre para pensar e por em prática sua ideia (Professora Esperança).

A professora Felicidade afirma que as emoções positivas ajudam no desenvolvimento dos estudantes, porque se estão bem, então estarão motivados, com vontade de aprender. A professora Felicidade utiliza a música para motivá-los no momento da realização das atividades e até mesmo para acalmá-los, pois pensa que eles estando bem produzirão mais. O que realmente presenciamos nos dias de aula na sala da professora, onde eles até cantam baixinhos enquanto estão realizando os exercícios. Esperança também afirma que com as emoções positivas eles se sentem livres para pensar e por em prática suas ideias. Mas não foi dessa forma que observamos. A mesma sempre os deixa muito livres na sala de aula, causando em alguns momentos uma desordem e uma poluição sonora, que vai de risadas, gritos e conversas paralelas. Então consideramos que a mesma é equivocada quanto ao conceito de “livres para pensar”, pois nesse momento eles estão livres para socializar, o que também proporciona de certa forma o pensar. Nos dias de observação da nossa coleta de dados, vemos que quanto à liberdade de expressão e de brincar com os colegas as duas professoras são flexíveis, chamando a atenção deles somente em momentos de conversa que atrapalhassem a aula.

As emoções, portanto são importantes para a racionalidade [...] Num certo sentido temos dois cérebros, duas mentes – e dois tipos de inteligência: racional e emocional. Nosso desempenho na vida é determinado pelas duas – não é apenas o Q.I (Quociente Intelectual), mas, a inteligência emocional também conta. Na verdade, o intelecto não pode dar o melhor de si sem a Inteligência Emocional (Q.E) (GOLEMAN, 2007, p. 53).

As emoções positivas contam muito para um bom aprendizado. Se os estudantes não estiverem bem emocionalmente não se concentram e não produzem como deveriam, mas para acontecer o processo de ensino-aprendizagem precisam estar motivados mesmo que estejam bem emocionalmente, eles precisam estar interessados no assunto abordado, algo que prenda a atenção deles, e quem deve motivar através de vários métodos ou de métodos eficientes, é o professor que está na sala de aula. Por isso, as emoções do professor também são importantes nesse processo.

Os sistemas neurais são responsáveis pela organização dos comportamentos motivados e pelas emoções. A experiência Emocional - refere-se a estados subjetivos, frutos da introspecção consciente (LENT 2016, p. 228).

Desse modo, o comportamento emocional pode ser mais criativo e menos previsível do que o descrito para outros animais, além disso, para os humanos a emoção tem uma dimensão subjetiva que a transforma em uma experiência única diferenciando-se da dimensão comportamental observável demonstrada para os outros animais (LENT, 2016). Podemos imaginar situações sutis que as emoções alteram nosso comportamento para aumentar as chances de sucesso, por exemplo, se não nos sentirmos frustrados ao receber uma nota ruim em um teste, será mais difícil que nosso comportamento seja revisto, e que nos esforçamos para estudar mais para um próximo teste, ou seja, não vamos estar motivado, por isso precisamos está regulando e compreendendo nossas emoções, para direcioná-la ao aprendizado, mesmo que essas sejam emoções consideradas negativas.

A partir das respostas das professoras sobre as emoções negativas e positivas durante o processo ensino-aprendizagem, encerramos o questionário buscando saber se elas têm dificuldade em lidar com suas próprias emoções.

Não. Sou muito controlada, gosto do que faço, estou sempre de bem comigo, porque sei que isso é importante para que eu obtenha sucesso no meu trabalho (Professora Felicidade).

Não. Tenho um controle emocional ótimo, que é uma qualidade facilitadora para o desenvolvimento da aprendizagem dos meus alunos (Professora Esperança).

Quanto à professora Felicidade, de fato, ela tem um controle emocional impressionante, algo que chamou nossa atenção logo no início do Estágio e no decorrer das observações isso foi se tornando mais evidente. Durante o período que estávamos em sua sala, sempre se manteve calma, com um tom de voz sempre moderado e em busca de novas formas de estratégias para trabalhar com os estudantes, como conversa informal, oração e música enquanto eles terminavam as atividades.

Quanto a isso, Lent (2016) relata que de modo geral as emoções podem ser divididas em três tipos: **Emoções primárias, Emoções secundárias e Emoções de fundo**. Esta classificação foi proposta pelo famoso neurologista português, atualmente radicalizado no EUA, Antônio Damásio. Vemos através do relato da professora Felicidade que a mesma apresenta emoções de fundo, que está relacionada ao Bem-estar ou ao Mal-estar, com a Calma ou com a tensão, pois afirma ter adquirido através de experiências e controles emocionais ao longo do tempo em sua vida, que com suas vivências passa a ter uma maturidade cerebral ou emocional. GALVÃO (2011) afirma que no adulto são menos frequentes as crises emocionais, como ataque de choro, surtos de alegria, tão comuns no cotidiano das crianças, pois os mesmos já possuem controle das funções superiores.

As emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. Assim, ao focar as emoções na vida adulta, as teorias clássicas tendem a identifica-las com ação sobre o mundo exterior objetivo, enfatizando seus defeitos sobre o automatismo motores e a ação mental (GALVÃO, 2011, p, 59).

No primeiro ano de vida as emoções são comportamentos predominantes, certamente ela deve ter uma função específica senão, não o teria (GALVÃO, 2011), pois é pela genética que deve ser buscada a compreensão dos significados das emoções. Galvão (2011), ainda destaca que para Wallon as teorias clássicas sobre as emoções baseiam-se numa lógica mecanicista e não capazes de compreendê-las em toda a sua complexidade.

Esperança também responde que tem um controle emocional ótimo. Contudo, não presenciamos dessa forma, não foi o que contemplamos no período da coleta, pois a mesma nos passou muita insegurança ao ensinar, pouco interesse nos estudantes com dificuldade, principalmente por sua turma ser de 1º ano, poderia

dar mais atenção. A professora passava alguns momentos se maquiando, enquanto os estudantes tentavam a fazer a atividade na sala de aula. Vimos então um comportamento contraditório ao que se refere à maturação da mente adulta, por ser um momento desse processo em que as emoções aparecem reduzidas, pois subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, tendem a ter um controle emocional maior sobre as ações do mundo exterior. Lent (2016) a apresenta esse tipo de comportamento emocional como emoções secundárias, pois o mesmo nos conceitua como que por sua vez ser mais complexa e dependem também de fatores socioculturais.

As emoções secundárias – por sua vez, são mais complexas e dependem de fatores socioculturais. Culpa e vergonha são exemplos de emoções que variam amplamente de acordo com a cultura, com a experiência prévia e com a época em que o indivíduo está inserido. É possível que esse tipo de emoções varie tanto, que algumas civilizações podem vivenciá-la em um excesso, enquanto outras podem nem mesmo apresenta-las (LENT 2016, p. 254).

Esse tipo de emoção são as mais comuns nos indivíduos, pois o social e o cultural são muito relevantes na construção do desenvolvimento do ser humano, ou seja, os fatores ambientais são fortemente capazes de modificar a progressão de seu desenvolvimento.

Segundo Lent (2016) Nessas emoções, o papel principal é desempenhado pelo meio interno e pelas vísceras, embora se expressem em alterações complexas musculoesqueléticas, tais como variações sutis na postura do corpo e na configuração global dos movimentos. É até impressionante notar que essas emoções não são consideradas nas discussões tradicionais sobre emoção. Por essas informações citadas por Lent, queremos deixar bem claro que consideramos que o comportamento da professora Esperança não estar ligado ao caráter pessoal, mas de caráter emocional.

A partir da análise dos dados, entendemos que as emoções dos professores que interferem no processo de ensino – aprendizagens são: os conflitos sociais que os envolvem, a falta de apoio por muitas vezes dos familiares, a falta de estrutura financeira, que por muitas vezes os acompanham até a sala de aula. Assim como as emoções positivas interferem ajudando em um desempenho melhor e eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Tal como na vida profissional do educador,

deixando-o centrado, calmo para exercer suas funções na sala e colaborar com o desenvolvimento intelectual e emocional do estudante.

Trabalhar as emoções envolve não só frear os impulsos desordenados de alunos e professores, mas sim, fazer com que tenham êxito na sua profissão, elevando-os a profissionais não só reconhecidos, mas também motivados a ensinar cada tipo de ser humano independente de suas necessidades educacionais. O professor que apresenta um desequilíbrio emocional, precisa de ajuda para que consiga vencer suas dificuldades.

O estudo das emoções é importantíssimo para desvendarmos certos comportamentos, principalmente os considerados negativos, no entanto, não temos nas escolas profissionais qualificados que possam ajudar os professores a aprenderem a controlar suas emoções, direcionando-as a favorecer o processo ensino-aprendizagem.

O professor, enquanto mediador da aprendizagem, sujeito histórico e social, está sujeito a passar por situações que afetam seu emocional. Afinal, por ser professor, não está isento de sentir raiva, medo, insegurança, estresse, desapontamento, angústias, pelo contrário, sua profissão permite que se envolva com as emoções de seus alunos, familiares e colegas de trabalho e isso lhe afeta diretamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir Inteligência Emocional no processo de ensino-aprendizagem nos exigiu grande embasamento teórico, por ser um tema novo e pouco discutido. No entanto, nos conduziu a um mundo quase desconhecido da neurociência, que Daniel Goleman nos mostra a partir da concepção de Inteligência emocional, na área da educação, principalmente no processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, quanto aos objetivos desta pesquisa, podemos afirmar que foram respondidos nossos questionamentos iniciais acerca de que as emoções do professor interferem no processo ensino-aprendizagem, pois é uma situação vivida todos os dias pelos professores e estudantes no espaço escolar.

A partir das observações realizadas no contexto da pesquisa e os questionários aplicados aos sujeitos, foi possível construir conhecimentos sobre como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes. Desse modo, tecemos alguns comentários acerca das respostas das professoras e aquilo que vivenciamos na sala de aula.

Inicialmente julgamos necessário saber das professoras qual o conceito que atribuem à emoção, isto porque, embora todos tenham emoções, nem sempre sabemos identificá-las.

A professora Felicidade, a qual foi a primeira a ser observada, demonstrou um autocontrole emocional ao aplicar os conteúdos de sua aula, sendo ela a principal motivação para esta pesquisa, desde já destacamos que são duas realidades opostas, são sujeitos que se destacam pelo extremo de seus comportamentos emocionais.

A professora Esperança chamou nossa atenção por sempre demonstrar de forma evidente suas emoções negativas como preocupação e ansiedade. Foi possível observar que sempre seus problemas pessoais eram resolvidos na sala de aula o que a atrapalhava no desenvolvimento das atividades.

Dependendo do comportamento do professor o estudante faz mudanças nos níveis de: alerta e nas funções cognitivas, como atenção, processamento da memória, com isso pode responder de forma positiva ou negativa no momento do ensino-aprendizagem, ou seja, depende muito do comportamento do professor para com eles.

Assim sendo, as emoções positivas contam muito para um bom aprendizado. Se os estudantes não estiverem bem emocionalmente não se concentram e não produzem como deveriam, mas para acontecer o processo de ensino-aprendizagem precisam estar motivados, mesmo que estejam bem emocionalmente, eles necessitam estarem interessados nos assuntos abordados, algo que prenda a atenção deles. E quem deve motivar, através de vários métodos eficientes, é o professor que está na sala de aula. Por isso, as emoções do professor também são importantes nesse processo.

A partir da análise da coleta dos dados, ficou evidente que as emoções dos professores que mais interferem no processo de ensino – aprendizagem são causadas por conflitos sociais que os envolvem, a falta de apoio por muitas vezes dos familiares, a falta de estrutura financeira, que por muitas vezes os acompanham até a sala de aula. Situações dessa natureza podem desencadear no professor emoções negativas que interferem na aprendizagem de maneira insatisfatória, como no caso da professora Esperança.

Trabalhar as emoções envolve não só frear os impulsos desordenados de alunos e professores, mas sim, fazer com que tenham êxito na sua profissão, elevando-os a profissionais não só reconhecidos, mas também motivados a ensinar cada tipo de ser humano independente de suas necessidades educacionais, citamos a professora Felicidade.

O professor que apresenta um desequilíbrio emocional, precisa de ajuda para que consiga vencer suas dificuldades. O estudo das emoções é importantíssimo para desvendarmos certos comportamentos, principalmente os considerados negativos. A emoção tem sua origem na área da consciência, fazendo a passagem do mundo orgânico para o social e este, por sua vez, é fundamental para o bem estar emocional.

A partir dos fundamentos teóricos e da análise dos resultados, evidenciou-se que as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do Sistema Nervoso Central e o professor, enquanto educador, precisa utilizá-las a favor da aprendizagem. Esta é uma temática que envolve emoções, sentimentos, afetividade e a própria inteligência emocional, pois o professor passa muitas horas na escola e mesmo que ele vá pra casa ainda leva consigo preocupações inerentes à sua profissão e geralmente isso não é considerado como elemento que pode interferir na aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Walter Oliveira – 1952. Educação do Espírito – **Introdução à Pedagogia Espirita**. Araras, SP. 13ª edição IDE, 2017.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2010.
- DAMÁSIO, António. **O mistério da consequência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si** /António Damásio; tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro - 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FONSECA, Luís Almir Menezes – **Metodologia Científica ao alcance de todos**. 3ª edição. Manaus: Editora Valer. 2008
- FRIGOTTO, Gaudêncio – **Metodologia da Pesquisa educacional** / Ivanil Fazenda (org.) – 12. ed. – São Paulo: Cortez, 2010
- FRIGOTTO, **Metodologia da Pesquisa educacional** / Ivanil Fazenda (org.) – 12. ed. – São Paulo: Cortez 1987
- GALVÃO, Izabel – **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil**/Izabel Galvão. 20. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Educação e conhecimento).
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**/Antônio Carlos Gil. – 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLEMAN, Daniel, Ph. D. – **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**/ Daniel Goleman. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- KANDEL, Eric R. – **Princípios da Neurociência** / Editores – revisão técnica Carla Dalmaç, Jorge Alberto Quillfeldt. – 5. ed. Porto Alegre: A M GH, 2014.
- KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Campinas: Autores Associados, n. 116, p. 41-59, 2002.
- LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Minas Gerais: Editora UFMG, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Cortez, - (**Coleção Magistério, Série formação do professor**).

LENT, Roberto. – **Neurociência da mente e do comportamento** - Rio de Janeiro: GUANABARA Koogan, 2016.

Marli André (org.) – Campinas, SP: Papyrus, 2001- **PROFESSOR AGENTE DE MUDANÇAS E PRODUTOR DE CONHECIMENTOS.**

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa** – E.D. A. André. – (2 ed.) – Rio de Janeiro: E. P. U. 2013

SHINYASHIKI, Roberto. **Conquiste seus alunos: livro teórico** – São Paulo: Editora Gente, 2011.

APÊNDECE “A”:

QUESTINÁRIO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – CESP/UEA
ESTE QUESTIONÁRIO É INSTRUMENTO DE PESQUISA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO.

ACADEMICA: CLEONILDA TEXEIRA PONTES – 9º PERÍODO EM LICENCIATURA
DO CURSO DE PADAGOGIA .

DISCIPLINA: TCC – Prof.^a Dra. Simone Silva.

ORIENTADORA: Prof.^a Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo

1. O que é **emoção**?
2. Seus **alunos percebem** quando você não está bem?
3. Você consegue separar seus **problemas pessoais** dos problemas da sala de aula?
4. Você consegue separar suas emoções **negativas** no horário de aula na sala?
5. Em sua opinião, as emoções **negativas do professor**, atrapalham o rendimento escolar dos alunos? Por quê?
6. Em sua opinião, as emoções **positivas do professor**, ajudam na evolução do ensino-aprendizagem? Por quê?
7. Você tem dificuldades de lidar **com suas próprias** emoções?

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convido o (a) s.r. (a) a participar da pesquisa intitulada “**Inteligência Emocional no Processo Ensino - Aprendizagem**” desenvolvida pela acadêmica Cleonilda Teixeira Pontes – da Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA, celular 991087324, e-mail: cleonildatexeirapontes@gmail.com, que tem como orientadora a Prof. Msc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo, Prof. na Universidade do Estado do Amazonas. A pesquisa tem como objetivo Geral: analisamos como as emoções do professor interferem na aprendizagem dos estudantes do ensino fundamental em uma escola no município de Parintins-Am. O qual em seguida utilizou-se os objetivos específicos: Observar como os professores lidam com suas próprias emoções no cotidiano escolar e como isso interfere na aprendizagem dos estudantes; Verificamos como os alunos lidam com o comportamento emocional dos professores e com a intenção de fechar com os objetivos específicos fomos tentando descobrir o que os professores pensam sobre suas próprias emoções.

Para isso será necessário, aplicarmos um questionário com você. Pedimos seu consentimento para aplicarmos o mesmo, para com as respostas analisarmos e utilizarmos o conteúdo em minha monografia. Tendo em vista que toda pesquisa direcionadas a seres humanos envolve riscos consideramos que poderá apresentar incômodo ou constrangimento em responder as perguntas, apesar disso, o senhor terá assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, durante e a pós a mesma, cujo responsável será a própria pesquisadora.

Os benefícios previstos por sua participação será a sua contribuição fundamental para o resultado da pesquisa, colaborando para a que a formação critica-reflexiva dos professores seja estudada e compreendida pelos Centros de Formações afins de que se torne uma realidade nos processos de formação de professores. Se por ventura houver alguma consideração ou duvida sobre a ética da pesquisa, o senhor poderá entrar em contrato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), uma vez que este é responsável pela avaliação e acompanhamento dos Aspectos Ético de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu _____, abaixo assinado, fui esclarecido dos objetivos da pesquisa, com a garantia de que em nem um momento serei identificado e que será mantido o sigilo das informações, não haverá ônus e custos por minha participação livre e esclarecida.

Parintins, __de_____2018

Assinatura do participante

Ruth Cristina Soares Gomes Araújo
Responsável pelo projeto